



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

## **CLIPPING SINDILAT**

Janeiro de 2020



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING IMPRESSO

Janeiro de 2020

**Veículo:** Indústria de Laticínios

**Data:** Edição Novembro e Dezembro de 2019

**Página:** pg 24 e 25

**Centimetragem:** 2 páginas

Matéria de Capa

## Setor lácteo na busca por estabilidade e qualidade

Alexandre Guerra, presidente do Sindilat/RS

O ano de 2019 vai se aproximando do fim e, mais uma vez, chega a hora de avaliar os resultados e definir projetos para o ano vindouro. Mas esse trabalho vem se tornando cada vez mais árduo a cada fim de exercício. Isso porque o setor lácteo nacional atravessa, ano a ano, uma série de intempéries que persistem e nos desafiam.

No entanto, o ano de 2020 chega com promissoras possibilidades para quem quiser enxergar oportunidades. Refiro-me às novas Instruções Normativas (INs) 76 e 77, implementadas pelo Ministério da Agricultura desde 30 de maio de 2019. Apesar de ainda necessitarem de ajustes, elas chegaram exigindo revisão de processos e têm por fim a melhoria de qualidade constante, uma posição que tem total respaldo no Sindicato das Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat). Isso porque entendemos que elas devem ser encaradas como uma oportunidade para o setor leiteiro na medida em que irão proporcionar melhora na competitividade, colocando o Brasil dentro de padrões internacionais para que nossos produtos alcem voos no mercado externo. Com isso, espera-se que o Brasil abandone a posição de país importador de lácteos para consolidar-se como exportador em alguns anos.

Claro que sabemos que esse não será um caminho fácil. Com a compilação dos dados qualitativos (CCS e CBT) mensais nas propriedades avançando, os primeiros produtores já começam a sentir o peso de ter seu leite rejeitado, o que os obriga a revisar processos urgentemente. Por peculiaridades que são só suas, a produção leiteira depende da coleta pulverizada, estando suscetível ao déficit de transporte e logística que, na contramão do desenvolvimento, só

se agrava. A questão energética é ainda mais preocupante uma vez que a solução “não se cria” do dia para noite. Para que um produtor blinde sua produção de interferência humana e resfrie seu leite dentro dos preceitos necessários para a redução de CCS e CBT como preconiza as novas INs 76 e 77, é essencial receber energia elétrica sem interrupção e com qualidade. E isso, infelizmente, não depende do setor, mas sim do poder público. Situação ainda mais crítica nos locais mais isolados do Brasil, áreas rurais onde há menor densidade populacional, ou seja, exatamente onde situam-se os tambos que produzem o leite dos brasileiros.

Dessa forma e frente às novas exigências e desafios que se impõem, o setor entende que é essencial o apoio dos governantes para que se possa ter energia de qualidade nas propriedades rurais, estradas em condições para melhorar a logística, além de trabalharmos a questão fiscal para proporcionar condições de competitividade às indústrias. E mais do que isso, é essencial que também se ofereça crédito no campo para que o produtor tenha condições de investir em sua atividade.

E junto com esse apoio do poder público, o Sindilat entende que é preciso orientar. E, por isso, antes mesmo das INs entrarem em vigor, organizou, juntamente com o Mapa, SEAPDR, Fetag, Farsul, Emater, Apil, Famurs, universidades e prefeituras, nove encontros no Interior do Rio Grande do Sul. A ideia foi levar informação e esclarecer dúvidas que, todos os dias, surgem no campo. Ao todo, a ação atingiu mais de 36 mil pessoas via comparecimento ou acompanhado pelas redes sociais. Alguns fornecedores, é verdade, precisarão passar por processo de reciclagem. Mas isso é parte do processo. O importante é que fique claro que não se pretende alijar ninguém





Foto: Divulgação Sindilat/RS

Alexandre Guerra, presidente do Sindilat/RS

do setor produtivo. Muito pelo contrário. Não existe indústria sem produtor e produtor sem indústria e, por isso, estamos focados em um trabalho de melhoria contínua da qualidade do nosso leite e incentivando a permanência de muitos na atividade.

Por outro lado, também é preciso trabalhar o mercado. Se a produção ruma para uma melhor qualidade é essencial que a margem da atividade também seja remuneratória de forma a manter e sustentar as famílias que vivem do leite. Para isso, o Sindilat entende que é preciso por fim à instabilidade da produção ao longo do ano e incentivar a busca por ferramentas que estabilizem o mercado de forma a diminuir os efeitos da safra e da entressafra.

Uma estratégia consistente que se avizinha é o escoamento de parte do leite gaúcho para outros mercados, inclusive para o exterior como já mencionado acima. O Sindilat e outros agentes vêm trabalhando junto ao governo federal por mecanismos que garantam competitividade e que evitem que, mais adiante, o poder público tenha que intervir com recursos para aquisições diretas para socorrer o setor. A sugestão com a qual estamos trabalhando é o Prêmio de Escoamento de Produção. O chamado PEP é uma estratégia que garante subsídio ao frete para aquisições entre regiões mais e menos abastecidas.

As indústrias também vêm prospectando mercado externo e temos convicção de que há espaço para isso. O Brasil tem portas abertas aos lácteos em mais de 50 países. Em 2019, novos clientes como China e o Egito sinalizaram esse interesse, um trabalho capitaneado pelo Ministério da Agricultura com apoio das entidades do setor. Contudo, para que negócios realmente se efetivem, é preciso organização, empenho do setor produtivo e um grande dilema a ser superado: a constância. Para ganhar espaço para exportações, o Brasil precisará produzir bem e sempre e, para isso, talvez, seja preciso que o setor trabalhe de forma mais concatenada, pensando, inclusive, em ver concorrentes lucrando lado a lado em um mesmo negócio.

O desafio está lançado. 2020 vem chegando com força e, com o otimismo que é peculiar a quem trabalha no agronegócio, acreditamos em momentos melhores.





**Veículo:** Indústria de Laticínios

**Data:** Edição Novembro e Dezembro de 2019

**Página:** pg 16 e 17,

**Centimetragem:** 2 páginas

Matéria de Capa

## Desempenho do setor de lácteos em 2019, ano que trouxe mais atenção para o leite

*Um ano difícil, mas que abriu perspectivas para melhorar a qualidade do leite, para buscar novos mercados e com iniciativas que deram visibilidade para o setor de lácteos*

Em 2019, o baixo poder aquisitivo do consumidor em decorrência da crise econômica, que impactou vários setores, também atingiu o setor de lácteos, principalmente aqueles com valor agregado, a exemplo de iogurtes e queijos. Roberto Junk, vice-presidente da Abraleite, destaca que: “retrocemos dez anos no consumo em alguns segmentos lácteos e isso se reflete em maior aperto financeiro para a indústria e para a produção. No setor primário, os grãos permanecem em patamar alto de preços com impacto negativo no custo dos concentrados e, conseqüentemente, no custo de produção de leite”.

Segundo Junk, o mercado interno está em queda desde 2014, no início da crise, neste ano, o consumo parece ter atingido o fundo do poço; está estável com leve tendência de alta, acompanhando o ritmo de crescimento da produção, que segue em torno de 2%. Até por falta de crédito, há poucos estoques em todos os segmentos, o que parece ser uma boa notícia.

Para 2019, o crescimento médio está na casa dos 2,3% e o Brasil deve produzir, neste ano, 500 milhões de litros a mais do que em 2018.

Junk ressalta ainda que, em 2019, os preços ao produtor estão mais altos que o valor histórico e crescimento modesto da produção, exceto pelo segundo trimestre, cuja alta superou em mais de 7% a produção do mesmo período do ano anterior, quando ocorreu a greve do transporte e seu efeito devastador para o setor.

### Movimentos e ações

Entre alguns fatos ocorridos em 2019, o vice-presidente da Abraleite, destacou algumas movimentações do setor industrial, como a Nestlé saindo do UHT e outras marcas buscando adicionar valor com o lançamento do UHT sem estabilizantes, um fato inédito no Brasil, que merece ser comemorado. Também ocorreu a saída da Fonterra de diversos países, inclusive o anúncio de sua retirada da DPA no Brasil. Há um claro movimento no sentido de maior segmentação de produtos em busca de adição de valor, mas sempre de acordo com a demanda dos novos consumidores, especialmente os jovens. Por outro lado, há um claro questionamento do resultado comercial em relação às commodities, como o UHT baixo clero e mussarela. Junk aponta: “há uma aparente percepção negativa nesses segmentos, especialmente após a recente queda dos preços da gordura láctea”.

Conquistas importantes para o setor ocorreram em 2019, com a regulamentação da denominação de origem para vacas a2a2, que ainda precisava ser complementada pelas regras de rotulagem para o leite a2, uma inovação benéfica para o setor como um todo. O polêmico selo Arte para queijos artesanais foi outra conquista que beneficiará e viabilizará o produtor pequeno porte que quer empreender.

Um novidade positiva que mereceu atenção do setor foi o anúncio das normativas 76 e 77 implementadas pelo MAPA. Como cita



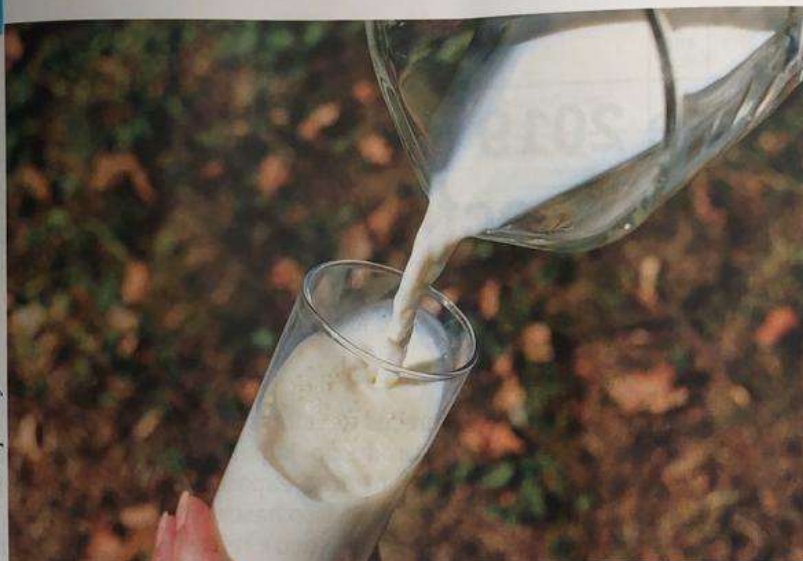


Foto: pixabay.com

Alexandre Guerra, presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat/RS), em artigo publicado nas próximas páginas desta edição, apesar de ainda necessitarem de ajustes, as novas normativas chegaram exigindo revisão de processos e têm como finalidade a melhoria do leite constante, essa posição tem total apoio do Sindilat/RS e complementa Guerra: “isso porque entendemos que elas devem ser encaradas como uma oportunidade para o setor leiteiro na competitividade, colocando o Brasil dentro de padrões internacionais para que nossos produtos alcem voos no mercado externo. Com isso, espera-se que o Brasil abandone a posição de país importador de lácteos para consolidar-se como exportador em alguns anos”.

### Exportação

Historicamente, o Brasil não é um grande competidor internacional em função de câmbio e, tradicionalmente, por ser importador líquido de leite. O vice-presidente da Abraleite afirma: “vale dizer que o mercado internacional de leite não é um mercado brilhante em termos de retorno financeiro. Veja a situação difícil do Uruguai, Argentina e Nova Zelândia, esta muito mais moderna e competitiva, porém com uma duríssima condição de produção primária. Mas em situações de câmbio como a atual, somos pontualmente

competitivos e temos sim espaço para exportar para a China e Egito. Outro desafio seria os custos competitivos com o preço internacional do leite”.

Na avaliação de Junk, não temos acesso a mercados sofisticados, porque nossas normas de qualidade ainda são relativamente frouxas. Os produtos para exportar seriam queijos e leite em pó, eventualmente o UHT para mercados da África, América Latina e Oriente Médio, além de alguns países da Ásia, porém o mercado asiático pertence, preferencialmente, à Nova Zelândia por razões geopolíticas.

Há grande expectativa sobre possíveis ganhos na renda do consumidor em 2020 e a retomada do consumo. Junk afirma que: “se isso não ocorrer, será mais um ano difícil, porém sem grandes desajustes entre oferta e demanda, já que nesse passado recente, o Brasil experimentou queda constante da sua produção de leite, desde 2014, no início da crise, mostrando que apesar de ser um mercado totalmente livre e sem qualquer tipo de salvaguarda ou restrições, o setor foi capaz de ajustar a oferta de leite de acordo com a demanda continuamente decrescente, fato que, não raro, não é observado em países com fórmulas engessadas de precificação do leite”.

Confira a seguir, artigos de especialistas de diferentes áreas, que falam do desempenho do setor de leite e produtos lácteos em 2019.



**Veículo:** Revista Press Agro Business

**Data:** Dezembro de 2019

**Página:** pg 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40, Mercado

**Centimetragem:** 7 páginas inteiras



## Tempos de expansão de exportações e preços na proteína animal

*Boas vendas de carnes reforça ânimo do agronegócio em 2019, eleva preços e ainda abre espaço para crescimento em 2020*

O Brasil tem 200 milhões de habitantes para alimentar, mas produz alimentos suficientes para matar a fome de 1,6 bilhão de pessoas. Com esse desequilíbrio, que se pode definir como positivo, temos um exce-

dente de produção que turbinou nossas exportações e ajuda a manter o agronegócio como uma das principais forças econômicas do País. E neste cenário, descrito pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado, Gedeão Pereira, o ano

de 2019 foi, especialmente, promissor tanto para grãos quanto para pecuária.

“Se o Brasil não amplia e investe em exportações, não vende nem uma pequena parcela de tudo o que produz. E o agronegócio brasileiro ficaria atola-







*Depois do abate de milhares de animais para conter o avanço da peste suína africana (PSA), os chineses lotaram seus frigoríficos de carne adquirida no exterior*

do em montanhas de grãos e de carnes aqui dentro”, sintetiza Gedeão.

Por conta de uma conjuntura mundial puxada, especialmente, pela China, mas não só ela, mercados para comercializar nossa produção primária não devem faltar nos próximos anos. O arroz brasileiro, por exemplo, está indo para um país esperado há bastante tempo — o México. O milho teve embarque recorde de grãos para o exterior, em diferentes destinos. Novos compradores surgem também para o leite, no Egito.

No final de 2019, uma aguardada valorização para a pecuária de carne foi comemorada

pelo setor, com a alta do preço da arroba paga pelo boi gordo. O valor saltou de cerca de R\$ 150,00 no início de outubro para R\$ 231,00 no início de dezembro, de acordo com dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP). A alta foi de 50% em apenas dois meses.

“O preço do boi caiu de mediados de 2016 até setembro de 2018, portanto com retração de dois anos. Tínhamos o boi em torno de R\$ 150,00 reais a arroba e com as operações Carne Fraca e delação premiada da JBS, com impactos na empresa, o valor descambou e foi parar em R\$ 130,00. Persistiu nesse

patamar por um longo período. Estamos vivendo o momento bastante esperado nos preços da pecuária de corte”, comemora o presidente da Farsul.

A alta ocorreu no mercado mundial, dada à elevada necessidade chinesa por proteína animal para alimentar sua vasta e crescente população especialmente de classe média. Depois do abate de milhares de animais para conter o avanço da peste suína africana (PSA), os chineses lotaram seus frigoríficos de carne adquirida no exterior. E ainda pode faltar mais carne por lá.

Esse cenário coincide com as muitas habilitações de frigoríficos para vender ao país asiático, movimento que ocorre não apenas no Brasil como em toda a América Latina, explica Gedeão, que também é diretor de Relações Internacionais da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA).

Além do Brasil, a China tem



*Gedeão Pereira*  
*Presidente da Farsul*



## MERCADO

buscado proteína animal na América Latina, nos vizinhos Argentina, Uruguai e Bolívia, assim como na Irlanda. Sem falar dos grandes e tradicionais fornecedores - Austrália e Nova Zelândia. Esse movimento, por sinal, gerou um fato curioso. O Brasil começou a exportar carne para o Uruguai, já que o país possui 17 plantas habilitadas (praticamente todos os frigoríficos de lá) para venderem para os chineses.

“Os uruguaios passaram a exportar a carne deles em quantidade ainda maior e a importar do Rio Grande do Sul para seu abastecimento interno. Isso porque antes mesmo do avanço da PSA, o Uruguai já comercializava acima de 70% de sua produção para a China e o resto para Europa”, explica Gedeão.

Há quem alerte para os riscos dessa dependência de exportações para o grande mercado asiático, que neste ano reduziu sua compra de soja por aqui, também reflexo da redução do abate de milhares de suínos. Gedeão, porém, destaca que o Brasil é fornecedor natural.

“O Brasil tem que ser vendedor. Em contrapartida temos na Ásia o gigante chinês, extremamente dependente de importações de comida, porque segurança alimentar é fundamental para eles. Isso ficou muito claro na visita que fiz, junto com o presidente Jair Bolsonaro, ao país. Em jantar com Xi Jinping, o Brasil foi recebido com honrarias”, relembra Gedeão.

Em dados nacionais, a Confederação da Agricultura e da Pecuária (CNA) estima que Produto Interno Bruto do agro-negócio deve crescer 3% em 2020 em relação a 2019. Apesar da maior estimativa de produção agropecuária para o ano



**Em receita, a China agregou pagamentos 38% maiores no frango e 66% a mais nos suínos**

que vem, há uma tendência de alta dos custos de produção, o que poderá impactar a renda do produtor rural em 2020.

Os custos de produção da soja, por exemplo, devem ter elevação recorde na safra 2019/2020, entre outros motivos, porque grande parte dos fertilizantes foi negociada a preços acima do que em safras anteriores. Em 2019, o PIB deve crescer 1% em relação a 2018.

## **Demanda forte por carnes deve seguir além de 2020**

O crescimento das exportações e nos preços da carne bovina no final de 2019 é uma sequência do mesmo fator que já elevou desde o início do ano as compras chinesas de aves

e suínos. Com a Peste Suína Africana afetando a produção chinesa desde o final de 2018, quem exhibe índices chineses de crescimento em 2019 é a avicultura e a suinocultura.

De acordo com dados da Associação Brasileira de Proteína Animal, entre janeiro e outubro, o país asiático importou 183,1 mil toneladas de carne suína (+40% em relação ao mesmo período do ano passado), e de aves foram 444,7 mil toneladas (+22%). O resultado do negócio? Somados, são quase US\$ 1,5 bilhão antes mesmo de o ano encerrar. Em receita, a China agregou pagamentos 38% maiores no frango e 66% a mais nos suínos. E a demanda não vai parar de uma hora para outra, avalia o presidente da ABPA, Francisco Turra. Uma das razões é que retomar os plantéis abatidos com segurança sanitária leva tempo. Outro





fator que deixa claro a necessidade chinesa é que Pequim não para de habilitar novos frigoríficos brasileiros.

Em novembro de 2019, cinco novas plantas produtoras e exportadoras de suínos e as três unidades de aves devem ampliar ainda mais a importância da China na pauta exportadora de proteína animal em 2020, segundo a ABPA. Agora, o Brasil passa a contar com 16 plantas habilitadas para exportar carne suína para o mercado chinês, e 46 plantas para embarques de carne de frango.

“Nas prévias da realização do encontro dos BRICS, a notícia das novas habilitações dá o tom da parceria que China e Brasil

estão construindo em prol da segurança alimentar e da ampliação da pauta comercial. Já consolidado como principal fornecedor externo de frango para a China, o Brasil agora deve expandir sua participação, também, nas vendas de carne suína”, ressaltou Turra.

## Soja fecha o ano com os ganhos do dólar em alta

Com a cotação da moeda norte-americana nas alturas (entrou dezembro acima de R\$ 4,20), a comercialização da soja vem estimulando embarques e

contratos futuros com valores atraentes. Os preços da soja estão em “patamares muito interessantes”, avalia o presidente da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), Gedeão Pereira. Com valor próximo dos R\$ 90,00 hoje, supera com folga até mesmo os já muito bons R\$ 77,00, registrados no ano passado.

“Nós já estamos fazendo alguns negócios acima de R\$ 90,00 no mercado futuro para entrega em maio, junho. Este câmbio favorece; agora, é verdade que, se ele ajuda por um lado, dificulta por outro”, alerta Gedeão, falando sobre os custos futuros da lavoura se o câmbio seguir nestes patamares.

Ter uma cotação alta no dólar agora, quando se está semeando e na hora de vender, e retornar aos patamares inferiores quando começar a próxima safra é um desejo do setor para 2020. Mas, Gedeão destaca que o ideal, mesmo, é contar com um câmbio menos oscilante, seja o patamar que for.

“Essa flutuação tira qualquer previsibilidade, inclusive para logo ali adiante, no primeiro trimestre de 2020. Mas, de qualquer maneira, este câmbio está favorecendo as exportações brasileiras, inegavelmente”, confirma Gedeão.

Se o câmbio deixa incertezas para o curto prazo, porém, o presidente da Farsul não hesita em dizer que as perspectivas de incrementar novamente as vendas da oleaginosa para a China em 2020 são bem factíveis. Isso porque o governo de Xi Jinping tem preocupações constantes com a segurança alimentar do país — a falta de alimentos ainda é um trauma para parte da população, que passou pela Grande Fome, especialmente



*O Rio Grande do Sul registrou, nos últimos anos, uma redução anual entre 5% a 7% no número de produtores de leite*



## MERCADO

entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, quando milhões de chineses morreram. Além disso, com a alta demanda interna e a necessidade de importar quantidades ainda maiores de carne, começa a aumentar a inflação dos preços dos alimentos, o que o governo chinês também tenta evitar, estimulando, fortemente, as proteínas de rápida maturação, explica Gedeão, falando da avicultura e da piscicultura.

“A piscicultura é uma das grandes consumidoras de soja. Assim, se estabelece outra demanda. Como abateram o plantel de suínos, houve demanda imediata maior por carnes e menor por soja, o que em 2020 deve ser retomado. E, também, vale lembrar que a soja que não foi embarcada para a China em 2019 teve como destino alimentar animais em outros países fornecedores de carne”, destaca o presidente da Farsul.

### Setor de lácteos tem novas regras e ampliação de mercados

Novas regras e novos mercados inseridos no horizonte do setor de lácteo em 2019 respingarão fortemente na atividade 2020. Sob diferentes aspectos, as perspectivas são boas para o próximo ano.

A mudança mais diretamente ligada à base da produção de leite no Estado, certamente, foi a entrada em vigor de duas novas normas técnicas para produção e industrialização. As Instruções Normativas nº 76

e nº 77, em nível federal, passaram a exigir mais controle e melhor qualidade do leite entregue à indústria.

O ano foi de grandes adaptações aos produtores. Apenas o Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado (Sindilat) promoveu nove encontros, por redes sociais e presenciais, com a participação de mais de 30 mil interessados em saber o que precisariam fazer dentro destas novas regras, que entraram em vigor em maio.

“A partir de novembro, quando se passou definitivamente a rejeitar quem estava fora dos padrões, percebemos que 12% dos produtores ainda precisavam de adequação. Quem ainda necessitava de ajustes melhorou e logo o índice caiu 10%”, explica o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra.

O Rio Grande do Sul registrou, nos últimos anos, uma redução anual entre 5% a 7% no número de produtores de leite. Parte das desistências ocorreu por falta de sucessores para um trabalho pesado, outra parte por baixos valores pagos nos últimos anos. Agora, diz Guerra, as maiores exigências que passaram a fazer parte do setor também acabaram acelerando um pouco a saída de quem não estava bem preparado para um novo cenário. “Produtores que já tinham intenção de parar acabam decidindo sair neste momento”, resume Guerra.

Setor que ainda depende muito do consumo interno, a produção de lácteos, porém, tem nas novas normativas uma aliada para ampliar as exportações. Guerra ressalta que China e Egito são dois mercados que se abriram recentemente ao produtor brasileiro. Ainda que

também possa enfrentar a competição estrangeira da União Europeia por aqui nos próximos anos, conforme prevê o recente acordo com o Mercosul, é preciso olhar mais para fora do Brasil em 2020, diz o executivo. “Com novas normativas, temos mais condições de competir lá fora. No novo ano, teremos mais empresas tentando entrar nesses mercados internacionais”, assegura o presidente do Sindilat.

Para apoiar os estreantes no comércio exterior, o Sindilat já está se aproximando da Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex Brasil) para começar a preparar melhor as indústrias que ainda não têm experiência e tradição de vendas para o mercado internacional. Atualmente, as exportações de lácteos podem ser realizadas pelos fabricantes CCGL, Lactalis, Dália e Cosulati.

“Empresas de médio porte, e até mesmo pequenas, podem ter condições de buscar as exportações, não em commodities, mas em produtos beneficiados, como queijo, manteiga e requeijão. Setores que tenham diferencial de qualidade e valor”, complementa Guerra.

### Consumo interno tende a aumentar

O setor de lácteos teve seu consumo e preços afetados pela crise, pelo desemprego e queda na renda da população nos últimos anos, assim como outras indústrias da área de alimentação. Nem mesmo o leite UHT, que representa 40% da produção gaúcha, e é um item básico, escapou ileso. Segundo Guerra,







o setor “andou de lado” com a frustração em relação ao início do ano, quando se esperava que o Brasil fosse crescer entre 2,5% e 3% no ano – hoje, a expectativa caiu para menos de 1%. “Indústrias e produtores trabalharam com margens apertadas, ou até negativas. Por outro lado estamos otimistas quanto ao próximo ano”, opina o presidente do Sindilat.

Os bons prenúncios vêm, segundo Guerra, porque após a reforma da Previdência, uma nova legislação trabalhista e as simplificações da Lei da Liberdade Econômica, o ano de 2020 deve ter incremento no PIB.

De novo, as exportações aparecem nas projeções como um porto seguro também para equalizar o mercado interno, avalia. Guerra calcula que, se o Brasil como um todo conseguir comercializar para o mercado internacional cerca de 5% da produção nacional de leite,

se retira a pressão para baixo no preço tanto para a indústria quanto para o produtor.

“Mas isso só vai ocorrer de uma eficiência maior, que começa no produtor e passa também pela indústria. Assim como o governo precisa avançar na reforma tributária e nas privatizações, o que injeta recursos no Brasil, e nos garante mais competitividade”, destaca o executivo.

Para exportar mais, porém, as indústrias terão que enfrentar burocracia, estradas ruins e outros conhecidos gargalos. São dificuldades que não estão sob controle nem do produtor, nem dos fabricantes, reconhece Guerra, sugerindo esforços e mudanças para “fazer mais com menos”.

“Os próprios supermercados fizeram isso, quando na crise reduziram os preços do leite, que é um atrativo para o consumidor, mas impactando no

valor pago à indústria e ao produtor. Temos que encontrar novas ferramentas para crescer”, resume o executivo.

## MÁQUINAS

### **Moderfrota vai da falta de dinheiro à sobra de recursos**

O ano de 2019 foi, com certeza, atípico para o setor de máquinas agrícolas. Indústrias e revendedores começaram o ano cheio de entusiasmo e estatísticas positivas, que foram mudando lentamente ao longo do ano. Até se invertem de uma projeção de crescimento para retração.

O primeiro fator de inibição foi a falta de recursos do Moderfrota, o que praticamente





## MERCADO

paralisou as vendas por cerca de dois meses no primeiro semestre do ano. Depois veio o Plano Safra 2019/2020 com juros muito acima da Selic, avalia Cláudio Bier, presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no Rio Grande do Sul (Simers), desestimulando negócios. Nas projeções da Fenabreve, a retração nas vendas chegar a 10% quando terminar o balanço de 2019. Um ano atrás, em janeiro, a perspectiva era oposta: alta próxima de 10%.

“O ano começou bem e depois faltou dinheiro, então o setor praticamente parou por dois meses. Isso prejudicou o andamento dos negócios neste ano e gerou estoques. Mesmo sem as vendas, as indústrias continuaram trabalhando, na expectativa que fossem retomar os negócios, o que demorou mais do que o previsto”, explica Bier.

Neste ano, também ressalta o empresário, as demandas por financiamentos acabaram encolhendo e até “sobrando”. Isso porque os juros menos atraentes levam os produtores a comprar equipamentos por outras fontes, ou adiar enquanto pesquisa a melhor alternativa. “Tradicionalmente, os juros para aquisição de máquinas agrícolas era o equivalente a 50% da Selic. No atual plano, ressalta o empresário, está em 10,5% frente aos cerca de 5% da Selic”, compara Bier.

Deixando de lado o Moderfrota, o produtor procura outras linhas de financiamento que não seja o governo. Uma das alternativas é diretamente com bancos, com a indústria, e buscando o financiamento com a própria soja, o chamado barter.

Segundo Bier, como o agrone-



*Em 2019, o trigo, que representa 70% do que é colhido, teve crescimento, junto com outras culturas da temporada*

gócio continua sendo a “joia da coroa” nas finanças brasileiras, o setor privado está de olho nos produtores. E com Selic alta e demanda em baixa, ofertar cré-

dito está mais fácil e com taxas mais atraentes ao agricultor, avalia o presidente do Simers.

“Os bancos estão procurando o produtor e oferecendo juros menores do que o do governo. Hoje há formas que são mais baratas que o Moderfrota. O produtor nem fala mais no Moderfrota. Como é o juro mais caro do mercado, pode até sobrar recursos neste ano. Quem vai pegar essa fatia do mercado são os bancos privados”, contextualiza Bier.



**Vergílio Perius**  
Presidente do SESCOOP/OCERGS

## No trigo, Emater e Fecoagro destacam bons resultados

Com cerca de 270 municípios do Estado cultivando alguma cultura de inverno, o Rio Grande do Sul terá colhido neste ano cerca de 3 milhões de toneladas de grão na temporada. Mesmo com algumas perdas no trigo,



**Veículo:** Correio do Povo

**Data:** 02/01/2020

**Página:** pg10, Rural

**Centimragem:** 56cm

# Projeções otimistas para o leite do RS

Produtores e indústria esperam reaquecimento do consumo e melhor remuneração neste ano

Entidades ligadas à cadeia produtiva do leite fazem projeções otimistas para 2020, sustentadas pela perspectiva de reaquecimento do consumo interno. Entre os fatores para a expectativa, destacados por lideranças do setor, está também a maior tecnificação dos produtores, que nos últimos anos realizaram investimentos para se enquadrar às novas exigências de qualidade do leite. O segmento representa atualmente cerca de 2,8% do PIB gaúcho.

O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra, acredita que o consumo deve voltar a crescer em 2020, o que representaria uma recuperação após um ano de queda. No entanto, ele não arrisca um percentual para tal avanço. Além disso, este ano vai trazer na prática os efeitos das Instruções Normativas 76 e 77, do Ministério da Agricultura, que aumentaram o controle sobre o leite cru que sai das propriedades. As normas estabelecem que o leite deve



ALINA SOUZA / CP MEMÓRIA

Preço do litro ficou estabilizado, próximo de R\$ 1,10, nos últimos meses

chegar à indústria a uma temperatura de 7°C e estabelece um limite de Contagem Bacteriana Total no recebimento do leite de no máximo 900 mil unidades por mililitro. "A qualidade do leite gaúcho, que já era muito boa, tem dado um salto", observa Guerra. De acordo com o dirigente, essa melhoria possibilita um maior tempo de prateleira para os produtos e contribui para o aumento da com-

petitividade do setor. A estimativa é de que a captação inspecionada cresça 3% em 2020.

O presidente da Associação das Pequenas Indústrias de Laticínios (Apil/RS), Wladimir Dall'Busco, afirma que a perspectiva de crescimento da economia brasileira para 2020 é essencial para que a cadeia produtiva do leite possa registrar incremento tanto em produção quanto em ar-

recadação para o Estado. "As reformas que estão ocorrendo no Brasil abrem uma perspectiva de otimismo para esse crescimento", acredita. Para a Apil/RS, 2019 foi marcado pela busca por conhecimento fora do país, uma vez que laticinistas locais fizeram um roteiro técnico pela Europa, em outubro, para buscar informações junto aos países produtores.

Entre os produtores gaúchos, a expectativa é de que 2020 seja um ano de melhor remuneração. Nos últimos meses de 2019, o cenário se caracterizou por uma certa estabilidade, com preço de referência em R\$ 1,10. "Gostaria que tivéssemos aumento, mas o patamar está estável", observa o presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), Marcos Tang, ao mesmo tempo em que cita a excelente procura por matrizes holandesas, geralmente novilhas prenhas, como sinal de que o produtor está confiante no negócio. Um dos pleitos é que o produtor saiba antecipadamente o valor que será pago pelo litro do leite.



**Veículo:** Correio do Povo

**Data:** 06/01/2020

**Página:** pg11, Rural

**Centimetragem:** 8,5cm

## **LEITE**

# Sindilat diz que 2% deixaram setor

Levantamento feito pelo Sindilat junto a dez empresas associadas apontou que o índice de produtores que tiveram a coleta de leite cru suspensa foi de 2% em dezembro. O motivo é a não adequação destes produtores às Instruções Normativas 76 e 77, do Ministério da Agricultura, que ampliaram o controle sobre o produto coletado nas propriedades. Em novembro, a entidade calculava que esse índice poderia chegar a até 5%. Segundo a Emater, o Rio Grande do Sul tem cerca de 50 mil produtores de leite vinculados à indústria.

**Veículo:** Jornal do Comércio

**Data:** 10/01/2020

**Página:** pg10, Economia

**Centimetragem:** 57,5cm

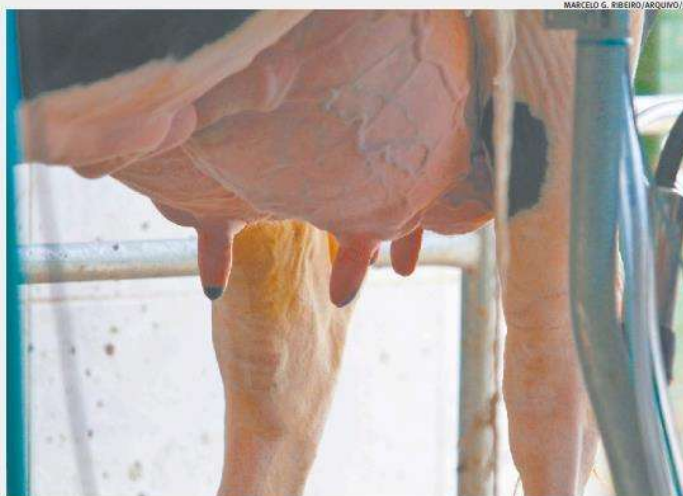
## **Captação de leite cai 1 milhão de litros/dia, informa o Sindilat**

De acordo com o Sindicato da Indústria de Laticínios do Estado (Sindilat), a captação de leite nas indústrias caiu na primeira semana de janeiro entre 8% e 10%. Isso representaria, de acordo com Darlan Palharini, secretário-executivo do sindicato, 1 milhão de litros a menos na captação diária dos sete primeiros dias de mês. Como, agora, o setor vive a entressafra do consumo (com queda normal na demanda), a grande preocupação da indústria é com quebra na safra de milho matéria-prima da silagem, com impactos mais adiante.

"Março, abril e maio não terá silagem. Então, ou diminuirá a produção de leite, por problemas na alimentação, ou o produtor

terá que complementar com alimentação concentrada, o que aumenta custo de produção", alerta Palharini.

Conforme o presidente da Gadelando, Marcos Tang, o efeito na alimentação do gado leiteiro será sentido nos próximos dois anos. "Isso não tem repercussão só no dia da vaca. O animal mal alimentado terá suas consequências no futuro. Muitos produtores que estavam se reorganizando, ajustando as matrizes, terão que mudar o rumo de seus investimentos para a compra de alimentação de qualidade, isso se acharem, pois, às vezes, terão que comprar comida fora do Estado pagando altos preços pela silagem e arcar com o transporte do alimento", destaca.



**Produtores gaúchos reduziram a entrega de leite entre 8% e 10% nos primeiros sete dias do ano**



Veículo: Correio do Povo

Data: 14/01/2020

Página: pg8, Rural

Centimetragem: 35cm

# Entidades pedem ações ao governo

Reivindicações listadas para reduzir prejuízos da estiagem serão enviadas ao Piratini e a Brasília

Entidades da agropecuária elaboraram uma lista com dez reivindicações aos governos federal e estadual com o objetivo de minimizar os efeitos da estiagem no Rio Grande do Sul, ontem, em reunião na sede da Famurs, em Porto Alegre. O governador Eduardo Leite deve encaminhar hoje, à Presidência da República, as demandas que dependem da União.

“Conseguimos compilar, em um único documento, muitas solicitações do produtor rural”, resumiu a vice-presidente da Famurs e prefeita de Cristal, Fábria Richter. A redação da pauta também teve a participação da Emater, Famurs, Farsul, FecoAgro/RS, Fetag e Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural (Seapdr).

O conjunto de medidas solicitadas inclui prorrogação, por 120 dias, de todas as dívidas dos produtores que tenham origem no crédito rural, prorrogação das parcelas de todos os contratos de investimentos, repactuação em até dez anos dos valores do crédito agropecuário, criação de linha de crédito emergencial, ampliação do zoneamento do plantio da soja e do milho e rebate ou pror-

rogação nos pagamentos do programa Troca-Troca.

Um relatório consolidado das perdas provocadas pela estiagem será divulgado hoje, durante reunião entre entidades do setor na Seapdr. Segundo o secretário em exercício, Luiz Fernando Rodriguez Júnior, já se negocia com a Secretaria da Fazenda uma reprogramação financeira para que se estabeleça a perfuração de poços no interior do Estado.

O número de municípios que decretaram situação de emergência por causa da estiagem subiu de 31 para 32 ontem, com a inclusão de Herveiras na lista.

**LEITE.** O Sindicato da Indústria de Laticínios (Sindilat) observou que a captação diária de leite caiu 8% desde o início de janeiro devido às altas temperaturas e chuvas abaixo da média que fazem com que os animais deixem se alimentar de forma correta. O índice corresponde a cerca de 1 milhão de litros que deixam de ser entregues à indústria a cada dia. Na avaliação da entidade, a ocorrência de chuva nos próximos dias, mesmo em pouca quantidade, poderia amenizar a situação.

**Veículo:** Jornal do Comércio

**Data:** 14/01/2020

**Página:** pg9, Economia

**Centimetragem:** 24cm

## Sindilat alerta para impacto na produção leiteira

O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano. Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado.

Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Ale-

xandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. “Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos

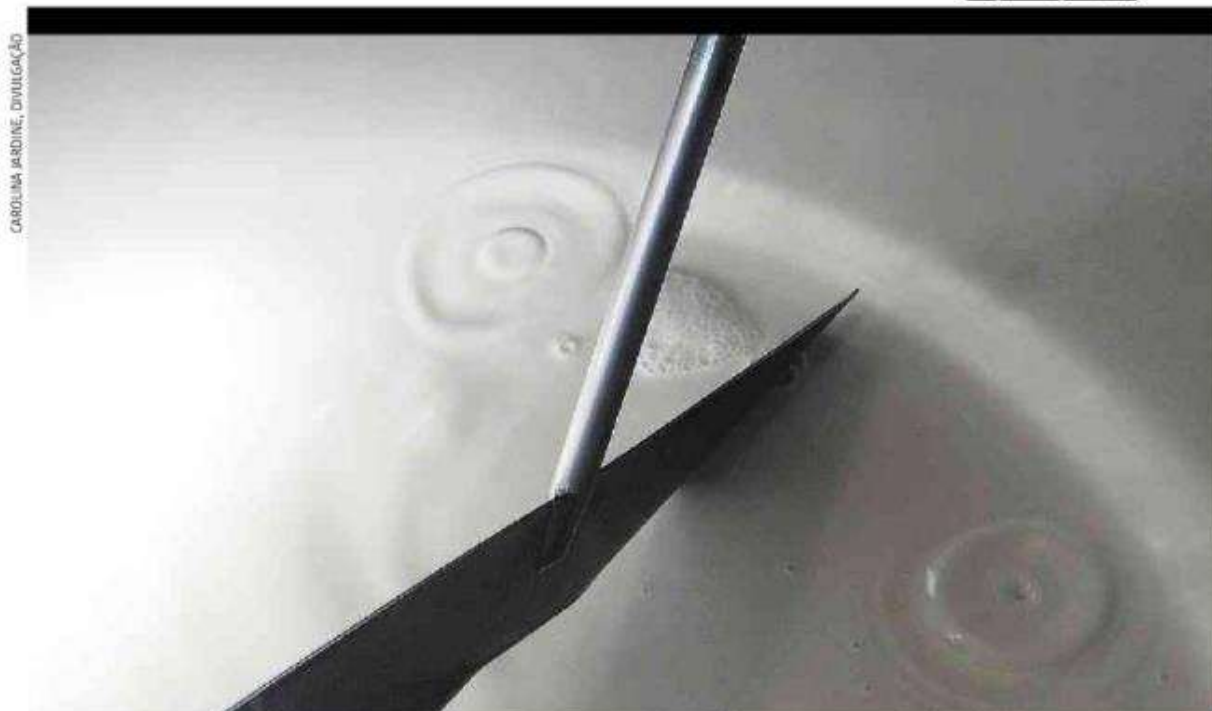
para o rebanho”, frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto sobre a atividade. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. “Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação.”



Veículo: Zero Hora  
Data: 14/01/2020  
Página: pg13, Rural  
Centimetragem: 51cm

## Reduziu o volume



CAROLINA JARDINE, DIVULGAÇÃO

A falta de chuva no Rio Grande do Sul já impacta a produção de alimentos. Levantamento feito pelo Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado (Sindilat-RS) mostra que, nos primeiros dias de janeiro, houve recuo de cerca de 8% na média do volume captado nas propriedades rurais. Isso significa 1 milhão de litros de leite a menos chegando às unidades de processamento.

– Há regiões com redução de até 10% no volume captado. São aquela que dependem mais

diretamente da pastagem. Outras têm queda menor, de 4% – pontua Alexandre Guerra, presidente do Sindilat-RS.

A diminuição ocorre pela combinação de altas temperaturas e falta de chuva. O tempo quente provoca desconforto nos animais, afetando a capacidade de produção de leite. Além disso, a falta de umidade afeta pastagens e lavouras de milho para silagem, usadas na alimentação do gado.

As condições da estiagem se somam a um período do ano em que o Estado tradicionalmente tem redução de oferta em razão do período de entressafra, que começa em janeiro. Os meses de março e abril são os de menor produção no Rio Grande do Sul.

– Todos os anos, nesse período, acaba subindo o preço do leite. Dependerá muito da lei da oferta e da procura. Mas a tendência é de que haja reflexo – observa Guerra.

**Veículo:** Correio do Povo

**Data:** 29/01/2020

**Página:** pg8, Rural

**Centimetragem:** 7cm

## Rizzo assume a presidência

O engenheiro agrícola Rodrigo Ramos Rizzo foi eleito e empossado novo presidente do Conselho para a gestão 2020/2021, ontem. Representando a Farsul, ele assumiu o colegiado em nome dos produtores. “A Federação da Agricultura tem estado muito atenta aos movimentos de mercado da cadeia do leite, sobretudo o externo”, ressaltou. “Estamos empenhados no fortalecimento do segmento.”



**Veículo:** Correio do Povo

**Data:** 29/01/2020

**Página:** pg8, Rural

**Centimetragem:** 8cm

## **CONSELEITE**

# Valor projetado do litro sobe 0,8%

O valor de referência do litro de leite projetado para janeiro é R\$ 1,1267, com alta de 0,88% em relação ao consolidado de dezembro de 2019, que foi de R\$ 1,1169. O levantamento mensal foi divulgado ontem pelo Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite (Conseleite/RS). O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, e o diretor da Fetag, Pedrinho Signori, apontam que os principais motivos desse crescimento são o início da entressafra e a estiagem.

**Veículo:** Zero Hora  
**Data:** 29/01/2020  
**Página:** pg14, Campo Bom  
**Centimetragem:** 10,5cm

**RODRIGO RAMOS RIZZO  
É O NOVO PRESIDENTE  
DO CONSELEITE.  
O ENGENHEIRO  
AGRÍCOLA ESTARÁ NO  
COMANDO DURANTE  
A GESTÃO 2020/2021.  
REPRESENTANDO  
A FEDERAÇÃO DA  
AGRICULTURA DO RS  
(FARSUL), TEM COMO  
META ATUALIZAÇÃO  
DA METODOLOGIA DE  
CÁLCULO DO VALOR  
DE REFERÊNCIA DO  
LEITE. PRESIDENTE  
DO SINDICATO DA  
INDÚSTRIA DE  
LATICÍNIOS DO ESTADO,  
ALEXANDRE GUERRA  
FOI ELEITO VICE-  
PRESIDENTE.**



**Veículo:** Jornal do Comércio

**Data:** 29/01/2020

**Página:** pg10, Economia

**Centimetragem:** 33cm

## Rodrigo Rizzo é eleito presidente do Conseleite

O engenheiro agrícola Rodrigo Ramos Rizzo foi eleito e empossado novo presidente do Conselho Paritário de Produtores e Indústrias de Leite (Conseleite) nesta terça-feira (28) para a gestão 2020/2021. Representando a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), ele assumiu o colegiado com meta de atualização e análise constantes dos itens que compõem a metodologia de cálculo do valor de referência do leite. O presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios (Sindilat), Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência em 2021.

Durante a reunião, também foi divulgada a projeção para o leite no Rio Grande do Sul. O valor de referência projetado para janeiro de 2020 subiu, atingindo



CAROLINA JARDINE/DIVULGAÇÃO/JC

**Rizzo (e) e Guerra (d) estarão no comando do conselho até 2021**

R\$ 1,1267, alta de 0,88% em relação ao consolidado de dezembro de 2019 (R\$ 1,1169).

Guerra pontuou que a estiagem também traz reflexo no campo, fenômeno que deve im-

pactar os preços ao longo do ano. “Os tambos estão produzindo menos do que tradicionalmente captam nessa época ano. Isso, sem dúvida, trará reflexo direto ao preço do consumidor”, disse.



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

## **CLIPPING ONLINE**

Janeiro de 2020



**Veículo:** Rádio Guaíba

**Data:** 06/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://guaiba.com.br/2020/01/06/taxa-do-fundesa-e-atualizada-para-2020/>

## Taxa do Fundesa é atualizada para 2020

Publicado por **Lucas Rivas** - 06/01/2020 - 18:36



Foto: EBC



Com a atualização do valor da Unidade Padrão Fiscal (UPF) para 2020, fixado em R\$ 20,2994, o cálculo para o recolhimento da taxa do Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa) para a cadeia produtiva da bovinocultura de leite passa para R\$ 0,00126 por litro industrializado, sendo R\$ 0,00063 pagos pela indústria e R\$ 0,00063 pelo produtor.

O montante arrecadado é destinado para promover ações preventivas contra zoonoses nos animais das propriedades rurais localizadas no Rio Grande do Sul e, também, para a indenização desses animais ou propriedades declarados pelo Serviço Oficial sob risco alimentar.

A UPF serve como indexador para corrigir taxas e tributos cobrados pelo Estado. O novo valor para 2020, divulgado por meio de instrução normativa da Receita Estadual, foi publicado no Diário Oficial do Estado (DOE) em 31 de dezembro de 2019, passando a valer em 1º de janeiro.

Para o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, o não recolhimento da taxa pelos laticinistas implica na perda do direito aos créditos fiscais e o produtor não recebe as indenizações previstas, conforme a Lei Nº12.380, de 28 de novembro de 2005, que descreve em seu artigo 5º: "As indústrias, abatedouros, entrepostos e produtores que não estiverem adimplentes com o pagamento da taxa de que trata o art. 4º desta Lei, terão cancelado quaisquer benefícios fiscais concedidos em programas oficiais do Estado do Rio Grande do Sul".

**Veículo:** Página Rural

**Data:** 06/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <http://www.paginarural.com.br/noticia/276077/taxa-do-fundesa-e-atualizada-para-2020-destaca-sindilat>

Segunda-feira, 06 de janeiro de 2020 - 18h06m

**Eventos > Sindilat**

## **RS: taxa do Fundesa é atualizada para 2020, destaca Sindilat**

### **Porto Alegre/RS**

Com a atualização do valor da Unidade Padrão Fiscal (UPF) para 2020, fixado em R\$ 20,2994, o cálculo para o recolhimento da taxa do Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa) para a cadeia produtiva da bovinocultura de leite passa para R\$ 0,00126 por litro industrializado, sendo R\$ 0,00063 pagos pela indústria e R\$ 0,00063 pelo produtor.

O montante arrecadado é destinado para promover ações preventivas contra zoonoses nos animais das propriedades rurais localizadas no Rio Grande do Sul e, também, para a indenização desses animais ou propriedades declarados pelo Serviço Oficial sob risco alimentar.

A UPF serve como indexador para corrigir taxas e tributos cobrados pelo Estado. O novo valor para 2020, divulgado por meio de instrução normativa da Receita Estadual, foi publicado no Diário Oficial do Estado (DOE) em 31 de dezembro de 2019, passando a valer em 1º de janeiro.

Para o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, o não recolhimento da taxa pelos laticinistas implica na perda do direito aos créditos fiscais e o produtor não recebe as indenizações previstas, conforme a Lei Nº12.380, de 28 de novembro de 2005, que descreve em seu artigo 5º: "As indústrias, abatedouros, entrepostos e produtores que não estiverem adimplentes com o pagamento da taxa de que trata o art. 4º desta Lei, terão cancelado quaisquer benefícios fiscais concedidos em programas oficiais do Estado do Rio Grande do Sul".

**Fonte:** Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat)



**Veículo:** Canal Rural

**Data:** 06/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.canalrural.com.br/radar/leite-no-rio-grande-do-sul-taxa-do-fundesa-e-reajustada/>

06 de janeiro de 2020 às 18h38

## Leite no Rio Grande do Sul: taxa do Fundesa é reajustada

A taxa do Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa), no Rio Grande do Sul, subiu para R\$ 0,00126 por litro industrializado, sendo R\$ 0,00063 pagos pela indústria e R\$ 0,00063 pelo produtor. O valor foi reajustado para acompanhar a atualização do valor da Unidade Padrão Fiscal (UPF) para 2020, fixado em R\$ 20,2994.

O imposto arrecadado é usado na promoção de ações preventivas contra zoonoses nos animais das propriedades rurais localizadas no estado e para a indenização desses animais ou propriedades declarados pelo Serviço Oficial sob risco alimentar.

Para o presidente do **Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat)**, Alexandre Guerra, o não recolhimento da taxa pelos laticinistas implica na perda do direito aos créditos fiscais e o produtor não recebe as indenizações previstas.

**Veículo:** Rádio Colonial

**Data:** 07/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <http://www.radiocolonial.com.br/noticia/30846/Sindilat-estima-que-2-deixaram-a-producao-de-leite>

## Sindilat estima que 2% deixaram a produção de leite

Levantamento feito pelo Sindicato das Indústrias de Leite do RS apontou que o índice de produtores que tiveram a coleta de leite cru suspensa foi de 2% em dezembro. O motivo é a não adequação destes produtores às Instruções Normativas 76 e 77, do Ministério da Agricultura, que ampliaram o controle sobre o produto coletado nas propriedades.

Em novembro, a entidade calculava que esse índice poderia chegar a até 5%.

Segundo a Emater, o RS tem cerca de 50 mil produtores de leite vinculados às indústrias.

Fonte: **Redação**



**Veículo:** Destaque Rural

**Data:** 07/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://destaquerural.com.br/noticias/ver/8760/RS%3A-taxa-do-Fundesa-%C3%A9-atualizada-para-2020>

RS: taxa do Fundesa é atualizada para 2020



Com a atualização do valor da Unidade Padrão Fiscal (UPF) para 2020, fixado em R\$ 20,2994, o cálculo para o recolhimento da taxa do Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa) para a cadeia produtiva da bovinocultura de leite passa para R\$ 0,00126 por litro industrializado, sendo R\$ 0,00063 pagos pela indústria e R\$ 0,00063 pelo produtor.

O montante arrecadado é destinado para promover ações preventivas contra zoonoses nos animais das propriedades rurais localizadas no Rio Grande do Sul e, também, para a indenização desses animais ou propriedades declarados pelo Serviço Oficial sob risco alimentar.

A UPF serve como indexador para corrigir taxas e tributos cobrados pelo Estado. O novo valor para 2020, divulgado por meio de Instrução normativa da Receita Estadual, foi publicado no Diário Oficial do Estado (DOE) em 31 de dezembro de 2019, passando a valer em 1º de janeiro.

Para o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, o não recolhimento da taxa pelos laticinistas implica na perda do direito aos créditos fiscais e o produtor não recebe as indenizações previstas, conforme a Lei Nº12.380, de 28 de novembro de 2005, que descreve em seu artigo 5º: "As indústrias, abatedouros, entrepostos e produtores que não estiverem adimplentes com o pagamento da taxa de que trata o art. 4º desta Lei, terão cancelado quaisquer benefícios fiscais concedidos em programas oficiais do Estado do Rio Grande do Sul".

As informações são do Sindilat.

Fonte: [MilkPoint](#)

**Veículo:** Página Rural

**Data:** 13/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <http://www.paginarural.com.br/noticia/276203/sindilat-alerta-para-impacto-da-estiagem-na-producao-leiteira-do-estado>

Segunda-feira, 13 de janeiro de 2020 - 19h04m

**Eventos > Sindilat**

## **RS: Sindilat alerta para impacto da estiagem na produção leiteira do Estado**

### **Porto Alegre/RS**

O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano.

Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado. Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto importante da estiagem sobre a atividade no Rio Grande do Sul. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no Estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", pontua o presidente do Sindilat.

**Fonte:** Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat)



Veículo: Milkpoint

Data: 14/01/2020

Página: Notícias

Link: <https://www.milkpoint.com.br/noticias-e-mercado/giro-noticias/sindilat-alerta-para-impacto-da-estiagem-na-producao-leiteira-do-estado-217603/>

## Sindilat alerta para impacto da estiagem na produção leiteira do Estado

GIRO DE NOTÍCIAS  
EM 14/01/2020



O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a **produção leiteira gaúcha**, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma **queda acentuada na captação de leite**, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse térmico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano.

Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado. Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do **milho** para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse térmico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto importante da estiagem sobre a atividade no Rio Grande do Sul. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas **reduziu próximo a 8%**, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no Estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", pontua o presidente do Sindilat.

As informações são do Sindilat.

**Veículo:** Guilat

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** [https://www.guilat.com.br/?p=detalhar\\_noticia&id=6599](https://www.guilat.com.br/?p=detalhar_noticia&id=6599)

## Sindilat alerta para impacto da estiagem na produção leiteira do RS

14-01-2020 09:42:25 - Por: Sindilat

O aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta.



O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano.

Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado. Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto importante da estiagem sobre a atividade no Rio Grande do Sul. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no Estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", pontua o presidente do Sindilat.



**Veículo:** Jornal do Comércio

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/economia/2020/01/720635-sindilat-alerta-para-impacto-na-producao-leiteira.html>

**AGRONEGÓCIOS** Edição impressa de 14/01/2020. Alterada em 14/01 às 09h00min

### **Sindilat alerta para impacto na produção leiteira**

O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano. Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado.

Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto sobre a atividade. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação."

**Veículo:** Agro em dia

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://agroemdia.com.br/2020/01/14/estiagem-reduz-em-8-captacao-diaria-de-leite-no-rs-diz-sindilat/>

## Estiagem reduz em 8% captação diária de leite no RS, diz Sindilat

14 de janeiro de 2020 Agricultura, agronegócio, estiagem, laticínios, leite, pecuária leiteira, produtores de leite, queda na captação de leite, Rio Grande do Sul, seca, sindicat



Foto: Alcides Okubo Filho/Embrapa

**O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano. Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do estado.**

Segundo o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, a seca já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos.

"Já no mês de março, começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", assinala Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto importante da estiagem sobre a atividade no Rio Grande do Sul. Conforme Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas teve redução de cerca 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", pontua o presidente do Sindilat.



**Veículo:** Canal Rural

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.canalrural.com.br/noticias/pecuaria/leite/seca-rs-captacao-leite-cai-8/>

## Seca no RS: captação diária de leite já caiu 8%, diz Sindilat

Entidade afirma que além das perdas para a silagem, aumento da temperatura provocou estresse calórico nas vacas, que acabam não se alimentando e produzindo menos leite

A captação diária de leite em propriedades do Rio Grande do Sul caiu 8% nos primeiros dias de janeiro. De acordo com o Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), as altas temperaturas e chuvas abaixo da média já fizeram com que um milhão de litros do produto deixassem de ser entregues às indústrias associadas.

O presidente da entidade, Alexandre Guerra, explica que a seca em algumas regiões do estado já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial produzido para nutrição do gado durante todo o ano.

- **Seca no RS faz governo pedir cota extra para seguro agrícola**
- **Milho: produtores do RS perdem 50 sacas por hectare com a seca**

Além disso, o aumento da temperatura tem provocado estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa ele.

A expectativa do Sindilat é que esse cenário persista durante todo o mês. "Mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", pontua Guerra.

**Veículo:** Rádio Guaíba

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://guaiba.com.br/2020/01/14/sindilat-alerta-para-impacto-da-estiagem-na-producao-leiteira-do-estado/>

## Sindilat alerta para impacto da estiagem na produção leiteira do Estado

Publicado por **Lucas Rivas** - 14/01/2020 - 11:23



Foto: Divulgação/EBC

O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano.

Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado. Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto importante da estiagem sobre a atividade no Rio Grande do Sul. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no Estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", pontua o presidente do Sindilat.



**Veículo:** Jornal dia a dia

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <http://jornaldiadia.com.br/2019/2020/01/14/sindilat-alerta-para-impacto-da-estiagem-na-producao-leiteira-do-estado/>

## Sindilat alerta para impacto da estiagem na produção leiteira do Estado

14 de janeiro de 2020

Por DANIEL

O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano. Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado. Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto importante da estiagem sobre a atividade no Rio Grande do Sul. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no Estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", pontua o presidente do Sindilat.

Jardine Agência Com.,

**Veículo:** Terra viva

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** [http://www.terraviva.com.br/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=25875:sindilat-alerta-para-impacto-na-producao-leiteira&Itemid=373](http://www.terraviva.com.br/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=25875:sindilat-alerta-para-impacto-na-producao-leiteira&Itemid=373)

#### Sindilat alerta para impacto na produção leiteira

Escrito por Edição



**Produção leiteira - O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano.**

Esse é um dos efeitos previstos da estiagem que assola diversos municípios do Estado. Isso porque, de acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa Guerra.

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto sobre a atividade. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação."



**Veículo:** Gaúcha ZH

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/gisele-loeblein/noticia/2020/01/estiagem-reduz-8-das-entregas-de-leite-a-industrias-no-rs-ck5e2b0zc03so01odwmd1rpxk.html>

TAMBOS MAIS VAZIOS

## Estiagem reduz 8% das entregas de leite a indústrias no RS

Recuo de 1 milhão de litros por dia reforça tendência de alta nos preços trazida pelo período de entressafra

14/01/2020 - 12h59min  
Atualizada em 14/01/2020 - 13h06min



Produção diária no Rio Grande do Sul é de cerca de 12 milhões de litros de leite, volume agora afetado pela falta de chuva  
Carolina Jardine / Divulgação

A falta de chuva no Rio Grande do Sul já impacta **a produção de alimentos**. Levantamento feito pelo Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado (Sindilat-RS) mostra que, nos primeiros dias de janeiro, houve recuo de cerca de 8% na média do volume captado nas propriedades rurais. Isso significa 1 milhão de litros de leite a menos chegando às unidades de processamento, onde a matéria-prima é transformada em série de itens.

## LEIA MAIS

**Estiagem também impacta produção de leite e de carne no RS**



**Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires calculam mais de R\$ 100 milhões em prejuízos pela estiagem**



**Estiagem gaúcha vai ajudar a definir o futuro da inflação**



— Há regiões com redução de até 10% no volume captado. São aquela que dependem mais diretamente da pastagem. Outras têm queda menor, de 4% — pontua Alexandre Guerra, presidente do Sindilat-RS.

A diminuição ocorre pela combinação de altas temperaturas e falta de chuva. O tempo quente provoca desconforto nos animais, afetando a capacidade de produção de leite. Além disso, a falta de umidade provoca **danos às pastagens e às lavouras de milho** para silagem, que servem de alimento para o gado. A regularização da chuva permite a recuperação das pastagens. No caso da silagem, no entanto,

além da redução no volume produzido, há perda de qualidade nutricional. Na prática, deverá fazer com que o pecuarista precise usar suplementos, o que amplia custos.

As condições trazidas pela estiagem se somam a um período do ano em que o Estado tradicionalmente tem redução de oferta por conta do período de entressafra, que começa em janeiro. Os meses de março e abril são os de menor produção no Rio Grande do Sul.

— Todos os anos, nesse período, acaba subindo o preço do leite. Dependerá muito da lei da oferta e da procura. Mas a tendência é de que haja reflexo — observa Guerra.

O Sindilat-RS estima que as perdas devem ficar no atual nível. Se a chuva não vier, no entanto, poderão ser ampliadas.

Veículo: Canal Rural

Data: 14/01/2020

Página: Notícias

Link: <https://www.canalrural.com.br/programas/informacao/rural-noticias/leite-produtores-rs-seca/>

## Leite: produtores do RS afetados pela seca podem desistir da atividade

De acordo com engenheiro agrônomo de Bagé (RS), outros pecuaristas terão que replantar as pastagens, que foram duramente afetadas pela falta de chuva

COMPARTILHE NO WHATSA...



14 de janeiro de 2020 às 20h02  
Por Canal Rural



A captação diária de leite no Rio Grande do Sul caiu 8% nos primeiros dias de janeiro, aponta o **Sindicato da Indústria de Laticínios do estado (Sindilat-RS)**. De acordo com a entidade, um dos principais motivos é o estresse calórico dos animais por causa das temperaturas elevadas nesta época do ano.

Além disso, em Bagé (RS), a situação das pastagens está complicada. O agrônomo e pecuarista Armando Otte conta que regiões que já estavam prejudicadas foram gravemente afetadas, e alguns produtores devem desistir da produção. Outros terão que replantar as pastagens.

- **Leite: 'Preço deve registrar queda atípica no segundo semestre'**

Para o comentarista Benedito Rosa, com "custo da ração subindo e preço do leite sem aumento à vista é como expulsar os produtores da atividade".



**Veículo:** TV Terra Viva

**Data:** 14/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://tvterraviva.band.uol.com.br/noticia/10000980631/rs-estiagem-deve-diminuir-oferta-do-leite.html>

## RS: estiagem deve diminuir oferta do leite

 terraviva - 14/01/2020 - 19:56

A captação diária de leite no Rio Grande do Sul caiu 8 % em janeiro, o que representa 1 milhão de litros de leite a menos para as indústrias associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios do estado. O motivo é a estiagem, que está prejudicando os pastos, e também as altas temperaturas, que provocam estresse nos animais. Nesta terça-feira (14) subiu para 42 o número de municípios que decretaram situação de emergência, segundo a Defesa Civil. Confira!



**Veículo:** Informativo

**Data:** 15/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <http://www.informativo.com.br/geral/estiagem-impacta-na-producao-leiteira-da-regiao-346726.jhtml>

## Estiagem impacta na produção leiteira da região

Agricultores familiares buscam alternativas para superar estiagem e queda na produção do leite

👤 Mônica da Cruz 📅 Quarta-feira, 15 de Janeiro de 2020 08:41



Buscando o bem-estar do rebanho, chuveirinhos são ligados para amenizar as altas temperaturas - Lidiane Mallmann

**VALE DO TAQUARI** | Nove ventiladores, chuveirinhos e um ambiente aberto e arejado buscam amenizar os efeitos das altas temperaturas e manter a produção leiteira na propriedade da família Oliveira. A propriedade rural, localizada em Linha Santa Rita, tem em torno de 170 vacas, atualmente 90 estão em ordenha, e já começou a sentir o impacto da estiagem.

**LEIA MAIS: Perdas na agricultura são estimadas em R\$ 12,8 milhões em Estrela**

Roberto de Oliveira (38) e o sogro, Pedro Lenhard (69), explicam que houve uma queda de 20% na produção leiteira. O número não é maior, porque nos últimos anos foram feitos diversos investimentos, pensando na melhoria e no bem-estar animal. "Não deu tanta quebra, porque a gente investe no conforto, temos chuveirinho e colocamos as placas fotovoltaicas, que ajudam a diminuir o calor no galpão", destacam.

Conforme Oliveira, as vacas, quando a temperatura passa dos 19 °C, começam a ter estresse, por isso medidas que busquem amenizar o calor são necessárias. Os ventiladores e chuveirinhos são acionados quando os termômetros marcam 18,5 °C. O chuveirinho fica ligado por 60 segundos e depois desliga por cinco minutos, para que as vacas possam secar e não correr o risco de ter pneumonia. Os produtores salientam que com essas duas medidas houve um aumento de cerca de 4 litros de leite por vaca diariamente.

## Preocupação

Lenhard relata que com a estiagem não há como seguir o planejamento feito no último ano. Oliveira explica que a família precisou, inclusive, antecipar a colheita de milho para silagem. "Uma não estava no ponto de corte, mas tivemos que cortar porque estava secando, e a outra nós antecipamos para não perder volume. Colhemos o milho com o grão mais úmido, porque precisamos tirar, já que não havia outra opção", ressalta.

Os dois salientam que as vacas, nos dias de alta temperatura, chegam a comer 15% a menos do que o convencional. Na propriedade, os animais comem, normalmente, 30 quilos de silagem, com o calor caiu para 26 quilos. "São quatro quilos a menos de silagem e que elas estão deixando de produzir", destacam.

Os produtores dizem que estão preocupados com a próxima colheita de silagem. De acordo com Oliveira, não haverá grãos que chega e será preciso fazer um complemento com milho. "É um investimento a mais que vai vir ainda, porque hoje eu estou com a minha silagem boa, mas daqui a dois ou três meses, quando eu for começa a tratar a silagem, vou ter que colocar milho junto e talvez não tenha", frisa. Para ele, os problemas maiores ainda vão aparecer, uma vez que o pasto não terá a mesma qualidade.

## Consumidores também podem ser afetados

O gerente regional adjunto da Emater-Ascar, Carlos Lagemann, diz que no Vale do Taquari há uma das maiores bacias de leite e um parque industrial voltado a transformação do produto. De acordo com o profissional, com essa estiagem os produtores, que tem no leite sua principal fonte de renda, acabam por diminuir sua receitas. Lagemann diz que isso ocorrer por dois motivos.

O primeiro é por consequência das altas temperaturas identificadas desde dezembro e o segundo, em função da raça mais comum no Vale ser a holandesa, que prefere temperaturas mais amenas. "Isso por si só gera um estresse corporal no animal, fazendo com que ele se alimente menos, gaste mais energia na manutenção da condição corporal, do que destinando energia para a produção de leite, que é o objetivo do produtor", ressalta.

Lagemann salienta que outro fator que está preocupando é a alimentação desses animais. Conforme ele explica, muitos produtores têm na pastagem a principal fonte de volumoso de qualidade e complementam a alimentação com silagem e concentrados. O gerente destaca que essas pastagens, com a falta de umidade, param de se desenvolver e, por consequência, na medida que os animais pastoriaram a área ela não repõem volume necessário de pasto.

Segundo informações da Emater, em parceria com os escritórios municipais, algumas cidades registraram queda de 16% na produção leiteira nas últimas semanas. Para Lagemann, a estiagem irá refletir nos municípios, principalmente naqueles a receita é oriunda da produção de leite.

Ele comenta que os consumidores também podem sentir um impacto. "Não sabemos se isso vai acontecer, mas é possível. Historicamente, quando há redução de oferta de um determinado produto, ocorre também alguma mudança na questão do preço praticado ao consumidor. Não sabemos se no leite esse volume gerará algum tipo de impacto, porque algumas regiões não sentiram tanto a estiagem e a nossas empresas podem buscar o leite em outros locais", frisa.

O gerente diz que a Emater, independente de estiagem ou não, procura fazer orientações para que os produtores cuidem do seu solo. O objetivo é fazer com que eles utilizem técnicas para permitir que o solo estoque água nas suas camadas profundas e, assim, haja uma manutenção de cobertura de solo. Neste momento de estiagem, a Emater está orientando e buscando maneiras de ajudar os produtores a minimizarem os efeitos, a manterem a alimentação do rebanho, para que não se tenham problemas com redução ou desgaste da condição corporal do animal.

## Entidades estão preocupadas

O Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat) alerta que a produção leiteira gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite. Isso ocorre pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano.



De acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano. Além disso, o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos. "Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho", frisa.

Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no Estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade. "Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação", salienta.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Putinga estima uma perda de 50% na produção leiteira da região alta do Vale do Taquari. Conforme o presidente da entidade, Nelsir Citta, a estiagem e o calor excessivo prejudicam a saúde dos animais e a produção de alimentação. Com a estiagem o pasto não cresce e as lavouras de milho não se desenvolvem.

Além disso, as vacas que ficam em campo aberto não saem no sol para pastar e beber água. Citta destaca que a maior preocupação dos agricultores é na produção de silagem já que as lavouras de milho não se desenvolvem por causa da seca. Por isso, ela destaca que a situação deve ser agravar ainda mais no mês que vem. "O problema maior da situação leiteira não é agora, é mais pra frente. A pastagem vai terminar e o milho não tem espiga para fazer silagem", explica.

O presidente da Associação dos Municípios do Vale do Taquari (Amvat), Marcos Martini, esteve na semana passada em Porto Alegre, participando de uma reunião na Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs). O encontro discutiu alternativas para diminuir os danos da estiagem, garantia de prazos e refinanciamentos da safra.

Além disso, os gestores cobraram agilidade para decretação de situação de emergência, rapidez na concessão de benefícios por parte dos governos estadual e federal e planejamento para enfrentar o problema da seca. Na sua fala, Martini, que também é prefeito de Nova Bréscia, fez um relato da situação do Vale. "Ao contrário de muitas cidades, que estão tendo problemas com a produção de grãos, nós temos prejuízos em áreas como produção de frango, suínos e leite. Em cidades como Ilópolis, temos prejuízos com a erva-mate, pois as plantas estão morrendo com a falta de água e sol forte", destacou.

Para o presidente da Famurs e prefeito de Palmeira das Missões, Dudu Freire, o encontro concretizou uma rede de apoio aos agricultores e municípios, para que tenham força de reivindicação e possam amenizar o problema. "Não é a primeira nem será a última estiagem, temos que estar preparados, a exemplo de outros estados", afirmou o presidente da Famurs.

**Veículo:** Outra estação

**Data:** 15/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.outraestacao.com/producao-leiteira-gaucha-reduz-8-01-2020/>

# Captação diária de leite cai 8% no Rio Grande do Sul

A **produção leiteira** gaúcha, além de estar entrando no período de entressafra, já está apresentando uma queda acentuada na captação de leite, provocada pela falta de pastagem verde no campo e pelo estresse calórico animal, visto as temperaturas elevadas nesta época do ano. O alerta é do **Sindilat** (Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul).

Os primeiros dias de janeiro já indicaram um impacto importante da estiagem sobre a atividade no Rio Grande do Sul. Segundo Guerra, a captação diária nas propriedades gaúchas reduziu próximo a 8%, devido às altas temperaturas e chuvas muito abaixo das médias no Estado, índice que representa 1 milhão de litros de leite a menos entregues às indústrias associadas à entidade.

De acordo com o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, o evento climático já causa perdas significativas no desenvolvimento do milho para a silagem, alimento essencial que é produzido para nutrição do gado durante todo o ano, e o aumento da temperatura provoca um estresse calórico para o animal, que acaba não se alimentando de maneira correta, refletindo na queda da produção de leite em 2020 e prejudicando o período reprodutivo dos mesmos.

“Já no mês de março começaremos a sentir os efeitos mais fortes em relação à escassez de alimentos para o rebanho”, frisa Guerra.

“Esse cenário deve persistir durante todo o mês, mas a ocorrência de chuvas neste período, mesmo que em pouca quantidade, já poderá amenizar a situação”, pontua o presidente do Sindilat.



**Veículo:** Sul21

**Data:** 16/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2020/01/seca-no-rs-producao-de-carne-e-leite-tambem-esta-em-situacao-de-risco/>

# Seca no RS: produção de carne e leite também está em situação de risco

Publicado em: janeiro 16, 2020

Segue o calvário dos camponeses e camponesas do RS nas regiões castigadas pela estiagem que vem se estendendo desde novembro e – pelas estimativas da força tarefa que vem levantando dados e estudando perspectivas – só deve normalizar em final de fevereiro. O Movimento dos Pequenos Agricultores emitiu alerta para a situação há cerca de uma semana e vem mobilizando lideranças em suas regionais para monitorar os estragos e consequência. As informações reunidas já abordaram a cultura do milho, o feijão e os hortifrutigranjeiros, bem como os reflexos no cenário econômico nacional, chegando hoje ao segmento animal, com foco na carne e no leite.

“Cada dia que passa sem que se tomem por parte do Estado e da União as posturas necessárias a propor alternativas de sobrevivência, subsistência e manutenção, sobretudo para os camponeses e camponesas, se avança em um cenário de desespero, cada vez mais claro que aquele que mais vai sofrer é o pobre, o pequeno, aquele que está constantemente sujeito ao fantasma da fome”, aponta Frei Sergio Górgen, dirigente do movimento.

O Sindilat (Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul) emitiu uma estimativa de perda média de 8%, o que já representa um volume de 1 milhão de litros de leite que deixou de ser entregue à indústria. Mas é preciso compreender que essa informação não relata toda a verdade: o segmento está exposto – assim como os demais – às diferenças regionais que apontam para situação agravada em determinadas regiões, como em Soledade, por exemplo, onde pelos cálculos da Defesa Civil, houve queda de 30% da produção do alimento. Este município, a exemplo de outros 42 até o dia 14 de janeiro, já está com decreto de estado de emergência em vigência.

“O leite vinha amargando preços baixos desde 2017 por conta da importação indiscriminada aberta por Temer e que continua ainda hoje, só vindo a reduzir o volume por conta da alta do dólar”, explica Emerson Capelesso, dirigente do Movimento dos Trabalhadores rurais Sem-Terra (MST) e diretor de cooperativa leiteira no município de Hulha Negra. “O consumo nacional caiu, o preço ao pequeno produtor está muito baixo, ainda há a questão das normativas rígidas impostas sem o devido apoio, o que significou exclusão de produtores”, enumera Capelesso, citando fatores que há tempos vem prejudicando a produção de leite



praticada pelos pequenos, que agora devido à seca ficam ainda mais expostos e sem capacidade de ação.

Pequenos Agricultores da região Sul, que dedicam-se à produção de gado de corte em pequena escala voltada para consumo próprio e abastecimento do mercado local também estão sendo duramente atingidos.

"As pastagens de verão e o pasto nativo secou entre novembro e dezembro – explica o produtor Leandro Noronha de Freitas, o Ganso, de Encruzilhada do Sul, que faz parte da coordenação estadual do MPA. Segundo ele, o pasto plantado morreu e o pasto nativo ainda não está dando sinais de rebrota. "Perdemos o primeiro ciclo de renda, que tradicionalmente beneficia o pequeno, que é o período anterior às festas de fim de ano, quando os animais já estavam expostos a uma situação difícil e não ganharam peso ideal para o abate", desabafa. A produção de carne familiar ficou praticamente inviabilizada e os pequenos produtores estão lutando para não perder os animais.

O gado comeu a reserva que o produtor costuma guardar para o inverno e, agora olhando para o futuro próximo, o produtor questiona com o que vai alimentar sua criação quando o frio chegar. "Vamos acabar perdendo também o segundo ciclo de renda, porque o gado não vai engordar contando só com a pastagem nativa, até a possibilidade de fazer um plantio de milho para silagem está comprometida porque agora entra no risco de ali na frente ficar exposta à geada", acrescenta.

Enquanto os pequenos sofrem diariamente com os efeitos da estiagem prolongada, vendo vez ou outra uma precipitação de chuva acontecer em pontos isolados – o que fundamenta a ideia da "seca verde", pois dá a falsa impressão de recuperação para quem olha de fora – não se observa medidas práticas da parte dos governos Estadual e Federal. Diariamente aumenta o número de municípios em Estado de Emergência por conta das perdas na agricultura e pecuária, mas da parte dos governantes até o momento só se ouviu falar em reuniões e intensões e quase nada de medidas práticas para amenizar as perdas daqueles e daquelas que estão com sua atividade econômica e com a própria subsistência ameaçadas ou comprometidas.

Uma das consequências desta situação e da falta de ação dos governos é que o preço da carne vai continuar alto e o preço do leite vai subir para o consumidor final sem que necessariamente seja uma saída para o produtor, piorando a vida de quem vive na cidade. Nesta quarta-feira (15), o número de municípios que declararam situação de emergência subiu para 50, contudo, informam que estão encontrando bastante resistência em ter a condição homologada pelo governo estadual.

**(\*)** *Coletivo de Comunicação do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)*

Veículo: Gaúcha ZH

Data: 17/01/2020

Página: Notícias

Link: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2020/01/estiagem-castiga-lavouras-e-frustra-recorde-na-safra-do-rs-ck5ivx81a00z401plmyrpc2ky.html>

# Estiagem castiga lavouras e frustra recorde na safra do RS

GaúchaZH percorreu regiões atingidas pela falta de chuva e revela situação que afeta os números da produção no Estado

17/01/2020 - 22h00min  
Atualizada em 19/01/2020 - 20h39min

A agricultora Deisi Talamini estava no potreiro da propriedade onde mora, na localidade de Bom Sucesso, área rural de Não-Me-Toque, no entardecer de 28 de dezembro, quando o pai disse para irem olhar a lavoura. Naquele sábado, com temperatura de 36°C, José Paulo estava preocupado.

## EIA MAIS

Estiagem derruba produção de milho na safra de verão no RS



Produção de milho na Serra Gaúcha promete recorde para o gado eiro



Produção de milho no RS não vai acabar com a estiagem



Na chegada ao campo de sete hectares de milho, Deisi esmoreceu. De um pé amarelado, colheu uma espiga menor que a palma da mão, murcha pela **ausência de chuva** e preenchida só pela metade dos grãos.

— Posta foto para o povo ver o que está acontecendo — estimulou o pai.

Produtora em uma área onde o sinal de internet nunca chegou, Deisi retornou para casa e subiu uma dezena de imagens do milharal para seus 1,7 mil seguidores no

Instagram pela rede wi-fi. “Quando um produtor olha a lavoura e depara com a **falta de chuva**, não tem como não bater a tristeza. Ele olha para o céu e pede que Deus mande chuva para produzir nosso alimento de todo dia”, escreveu na legenda.

Para esta reportagem, Zero Hora percorreu 1,2 mil quilômetros no Estado e encontrou famílias afetadas, como os Talamini. Eles são um retrato dos **danos causados pela estiagem** que acomete o Rio Grande do Sul. Dona de uma das 427 propriedades rurais de pequenos agricultores espalhadas em 12,5 mil hectares do município do norte gaúcho, a família produz milho e soja.



Em planilhas guardadas em uma maleta, José Paulo anota toda chuva que cai sobre a área desde 1986. Às vésperas do fim do ano, o agricultor havia registrado somente 15 milímetros em dezembro, volume insuficiente para desenvolver o milho e florescer a soja.

No dia 31, anotou um breve alívio. Despencaram 27 milímetros sobre a lavoura, levando Deisi de volta às redes sociais. “Chegou”, redigiu a produtora em foto da queda d’água formada pela calha da casa. Na ceia de Réveillon, a família brindou.

— Celebramos duas coisas: a **esperança de que a chuva se normalize** e o Ano-Novo — contou Deisi.

**“Sonhamos com uma supersafra, que será frustrada. Nosso amor dedicado ao plantio está morrendo por causa da seca.”**

DEISI TALAMINI  
Agricultora

A terra dos Talamini fica a 12 quilômetros do centro de Não-Me-Toque, separada da zona urbana por uma estrada pedregosa de terra vermelha ladeada por brotos de soja e pés de milho. Para eles, os grãos que não cresceram representam abalo de 90% no orçamento, complementado apenas pelo trigo semeado no outono.

Os produtores investiram R\$ 56,7 mil no plantio das duas culturas, financiados pelo Sicredi. Previam colheita de R\$ 190 mil para pagar o banco e as despesas do ano.



Prometido à Cotrijal e à empresa cerealista Orlando Ross, o milho deveria medir 20 centímetros, mas atingiu metade disso, e a muda de soja chegou à altura dos tornozelos quando já deveria ter ultrapassado a dos joelhos.

— Sonhamos com uma **supersafra, que será frustrada**. Nosso amor dedicado ao plantio está morrendo por causa da seca — lamentou Deisi.

## **Soja também registra danos**

Após **a estiagem de 2011-2012**, o Estado tem registrado safras recordes sequenciais. Em 2019, brotaram das lavouras gaúchas 34,6 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas, 1,5 milhão de toneladas a mais do que em 2018, segundo o IBGE. Para 2020, a escassez de chuva **irá comprometer a anunciada supersafra**, admitiu o secretário estadual da Agricultura em exercício, Luiz Fernando Rodriguez:

— A estimativa não deve ser alcançada, mas não sabemos o quanto de prejuízo poderá acarretar porque temos expectativa de que o clima melhore.

Gedeão Pereira, presidente da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), entende que “se o clima normalizar, vamos ter, não aquela safra recorde, mas uma boa safra”. Danos no milho são estimados em 20,86% pela Emater.

— É uma queda significativa diante da expectativa de avanço na produção — sintetizou o presidente da Associação dos Produtores de Milho (Apromilho), Ricardo Meneghetti.

Na oleaginosa, a redução é calculada em 9,2%. O governo do Estado pedirá ao Ministério da Agricultura a **ampliação do Zoneamento Agrícola de Risco Climático** para 31 de janeiro.

— São R\$ 5 bilhões *(da soja)* que deixam de circular nos municípios gaúchos. Para muitos, será um ano perdido — alertou Luís Fernando Fucks, presidente da Associação dos Produtores de Soja (Aprosoja).

Exuberante, a paisagem verde-bandeira das lavouras do planalto gaúcho tem enganado quem desconhece a cultura dos grãos cor de ouro. Há queda na produtividade devido aos ramos miúdos e pouco recheados de vagens.

— As pessoas passam pelo campo e vêem a soja verde, bonita. Aí, não conseguem entender que a perda está concretizada dentro da lavoura — afirmou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Não-Me-Toque, Maiquel Jungues.

**“No milho, a perda é irreparável. Na soja, acentuada, mas a chuva pode recuperar.”**

GIORDANO SCHIOCHET  
Engenheiro agrônomo

Vizinho dos Talamini, Giordano Schiochet representa outro perfil de agricultor do município. O engenheiro agrônomo comanda 383 hectares de lavoura de milho e soja na Agrícola Dona Maria, batizada em homenagem à avó.

Uma das 68 propriedades de grandes produtores do município, que ocupam 16,6 mil hectares, a fazenda também sofre as consequências dos dias desérticos.

No milharal, Schiochet colherá grãos secos saídos de folhas enferrujadas, estimando metade da safra do ano passado. Já na soja, torce para que o tempo irrigue seus brotos.

— No milho, a perda é irreparável. Na soja, acentuada, mas a chuva pode recuperar — disse Schiochet.

## **Fumo seca no Vale do Rio Pardo**

No rolo da câmera do seu celular, Luís Carlos Shwendler mostra com orgulho as fotos do **fumo colhido** no ano passado. A terra dera folhas verdes e graúdas na propriedade de 8,8 hectares onde ele mora há cinco décadas, na localidade de Linha Harmonia da Costa, no interior de Venâncio Aires, município do Vale do Rio Pardo.

— Estava bonito. Um fumo de encher os olhos — recorda Shwendler.

## EIA MAIS

Produtor se populariza no Facebook ao falar das dificuldades e conquistas da nicicultura



Perda do milho na região Central já em perda de mais 40% na produtividade em razão da estiagem



Em Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires acumulam mais de R\$ 20 milhões em prejuízos pela estiagem



O ânimo do descendente de alemães muda ao comentar sobre o produto semeado no início de agosto e colhido no final de dezembro do ano passado. A estiagem desidratou mudas e torrou folhas, deixando o tabaco com aspecto de secura.

— Parou a chuva, veio o calor, e o fumo desabou. Estava amarelo, caindo. Por baixo, secou. Por cima, amarelou — conta o agricultor.

O clima levou à perda de um quarto do fumo plantado. O pasto semeado também murchou, emagrecendo a dúzia de vacas criadas para incremento de renda, e a **lavoura de**

**milho** queimou em razão da estiagem.

— A grama está meio cinzenta — diz o fumicultor, apontando para uma mancha sem cor no solo.

Em Santa Cruz do Sul, Cristiano Staub também viu a **escassez de chuva** consumir o fumo plantado na propriedade no Alto da Malhada. Picotado pelos pequenos produtores de tabaco, o Vale do Rio Pardo colhe os **danos da estiagem**.

— As folhas estavam secando. Pensei em molhar, mas a água estava pouca até para beber — afirma Staub.

Na cultura do tabaco, a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) estima perda de quase um terço das lavouras, de acordo com o presidente da entidade, Benício Werner:

— Duas questões quebraram a safra. Primeiro, a chuva muito forte. Depois, a estiagem. O nível de produtividade e de qualidade caiu, atingindo a receita dos produtores.

## Estresse afeta vacas no Norte



Às 17h20min de quinta-feira (16), Marinês e Caroline Trevizan começaram a segunda ordenha do dia nas 40 vacas holandesas criadas no Povoado Migliavacca, no município de Casca, no Norte. Preto e branco, o animal identificado com o brinco número 473 deu 10 litros de leite em 4min56s, apontou o aparelho de controle — sete litros abaixo da média da propriedade.

— No calor, a vaca não vai à procura de comida nem água. Ela entra em estado depressivo, em um estresse térmico que ninguém imagina — diz Marinês.

## **No calor, a vaca não vai à procura de comida nem água. Ela entra em estado depressivo, em um estresse térmico que ninguém imagina.**

MARINÊS TREVIZAN

Produtora

pasto transformado em um tapete de tom cinzento pela estiagem. Devoram apenas silagem, feno e ração.

Na propriedade, os animais costumam produzir 34 litros de leite diariamente. Desde que as temperaturas passaram a extrapolar o limite do suportável, ainda em dezembro, as ordenhas do alvorecer e do entardecer caíram para 30 litros por dia. Na economia dos Trevizan, a queda tem impacto de 10%.

Para Marinês, a diminuição do alimento entregue à Domilac Laticínios só não foi maior porque mantém o rebanho confinado, reduzindo o estresse causado pelo abafamento. Os Trevizan criam vacas em um pavilhão com ventiladores e jatos d'água, acionados a cada 15 minutos. Os animais também não comem o

## **EIA MAIS**

Na Cruz do Sul e no município de São Paulo, produtores rurais recebem mais de R\$ 10 milhões em prejuízos pela estiagem



Em regiões com pastagens secas, produtores precisam providenciar alternativas para dar de comer ao gado



A seca reduz 8% as entregas de leite das indústrias no RS



Estocada desde o ano passado, a **silagem produzida do milho** de safra cheia está em condições nutricionais adequadas para o rebanho. O alimento, porém, irá durar apenas mais um mês, e os animais passarão a comer o grão de uma colheita quebrada.

— Aí, o impacto será grande pela falta do alimento de qualidade. Buscaremos ração para preencher esse vazio causado pela estiagem — afirma o veterinário Paulo Trevizan, filho de Marinês.

Técnica agropecuária do escritório da Emater em Casca, Edivane Ferro tem verificado queda na produtividade do município que costuma extrair 30 milhões de litros de leite por ano. Segundo o Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado (Sindilat-RS), pela ausência de chuva, **1 milhão de litros de leite a menos por dia foram para processamento.**

**Veículo:** Gaúcha ZH

**Data:** 20/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/01/sobe-para-74-o-numero-de-cidades-em-situacao-de-emergencia-por-estiagem-no-rs-ck5muzx1t004501gbmr9hvcbt.html>

FALTA DE CHUVA

# Sobe para 74 o número de cidades em situação de emergência por estiagem no RS

Segundo a Defesa Civil, situação atinge todas as regiões do Estado e deve seguir até meados de fevereiro

20/01/2020 - 16h45min  
Atualizada em 20/01/2020 - 17h15min

O número de cidades com decreto de emergência por conta da **estiagem** subiu para 74. Os dados estão no relatório divulgado pela **Defesa Civil** gaúcha nesta segunda-feira (20). Na sexta-feira (17) as cidades de Casca, Jari e Restinga Seca decretaram emergência, e nesta segunda o município de Tapera decretou. No levantamento anterior, não constava a situação de emergência do município de General Câmara, decretada no dia 16.



## LEIA MAIS

**Perdas nas lavouras e aumento de custos para indústria: as marcas da estiagem no RS**



**Estiagem provoca falta, alta e até redução de preços de alimentos no RS; entenda**



**Estiagem castiga lavouras e frustra recorde na safra do RS**



Em entrevista ao programa *Gaúcha Atualidade*, da Rádio Gaúcha, o coordenador da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, coronel Júlio César Rocha Lopes, afirmou que a estiagem está sobre todas as regiões do Estado.

— Não temos como mensurar qual município é o mais afetado. Tratamos todos com a mesma atenção e cuidado. Isso porque, em algumas cidades, a agricultura é a área mais prejudicada. Em outras, a pecuária. Cada município está sofrendo de uma forma — explica.

Política de Cookies

Conforme Lopes, um grupo multisetorial foi criado, por determinação do governador **Eduardo Leite**, para agilizar a homologação dos decretos de emergência. A partir do reconhecimento por parte do Estado, os prefeitos já podem ter acesso a recursos para amenizar as perdas com a estiagem.



— Estamos com todo o efetivo em situação de alerta, com as nove regionais empenhadas em ajudar os municípios. Além disso, acompanhamos a [previsão do tempo](#) e emitimos alertas, quando necessário, sobre adversidades climáticas — destaca, ao lembrar do alerta para o temporal que atingiu parte do Estado na semana passada.

Segundo o coordenador da Defesa Civil do RS, a escassez de chuva sobre o solo gaúcho deve seguir até meados de fevereiro, o que mantém a preocupação das autoridades.

— Ainda não estamos com racionamento de água ou energia elétrica no Estado, mas a orientação é que os gaúchos usem esses recursos de forma consciente — alerta.

## Queda na safra

Após a estiagem de 2011-2012, o Estado tem registrado safras recordes sequenciais. Em 2019 foram 34,6 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas — 1,5 milhão de toneladas a mais do que em 2018, segundo o IBGE. Porém, para 2020, a escassez de chuva não permitirá [a supersafra estimada pelo governo](#).

## Reflexo no leite

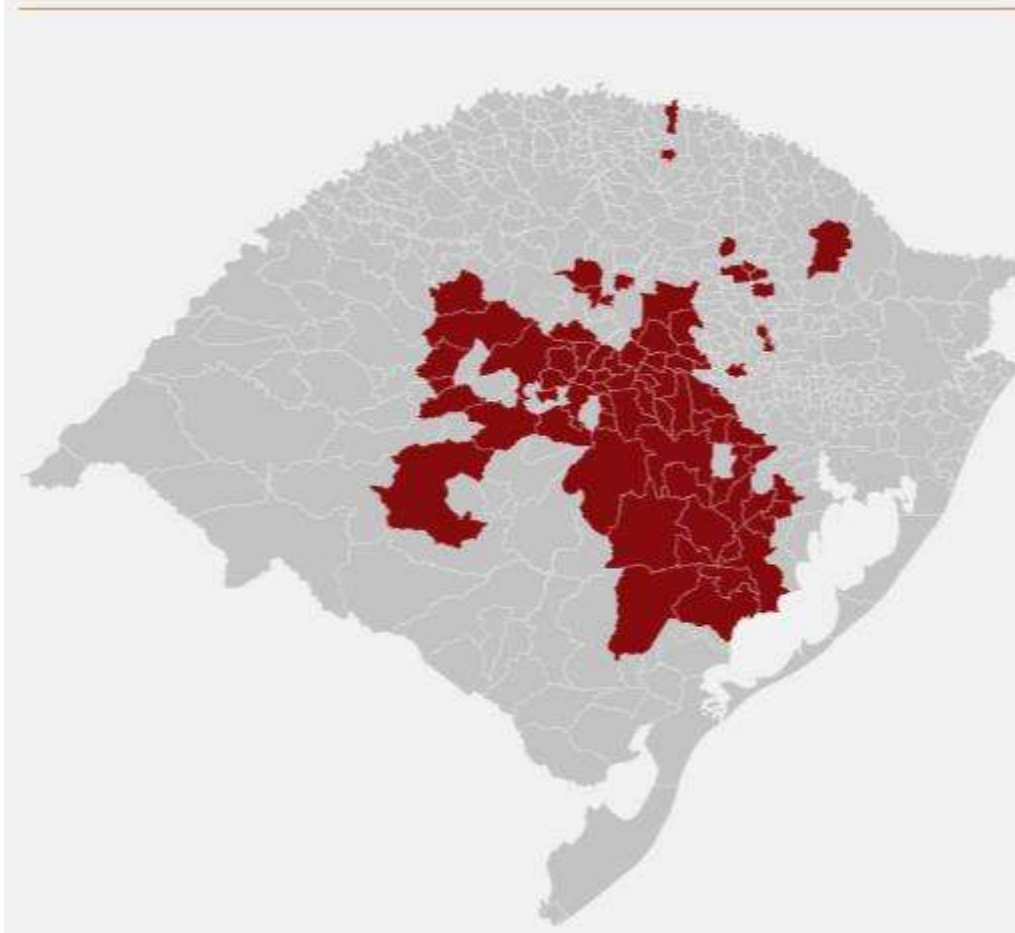
A falta de chuva também já impacta a produção de leite. Levantamento feito pelo Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado (Sindilat-RS) mostra que, nos primeiros dias de janeiro, houve recuo de cerca de 8% na média do volume captado nas propriedades rurais. Isso significa 1 milhão de litros de leite a menos chegando às unidades de processamento, onde a matéria-prima é transformada em série de itens.

---

## Cidades que decretaram situação de emergência

Pesquise pelo nome do município ou clique no mapa

AGUDO



## **Confira a lista de municípios que decretaram situação de emergência:**

Agudo

Alto Alegre

Amaral Ferrador

Arroio do Meio

Arroio do Tigre

Barão do Triunfo

Barros Cassal

Boqueirão do Leão

Butiá

Cachoeira do Sul

Camaquã

Candelária

Canguçu

Canudos do Vale

Casca

Cerro Branco

Cerro Grande do Sul

Chuívisca

Cristal





Cerro Grande do Sul

Chuívisca

Cristal

Dom Feliciano

Encruzilhada

Estrela Velha

Faxinal do Soturno

Fontoura Xavier

General Câmara

Gentil

Gramado Xavier

Herveiras

Ibarama

Ibirubá

Itatiba do Sul

Jari

Joia

Júlio de Castilhos

Lagoa Bonita do Sul

Lagoão

Mariana Pimentel

Mato Leitão

Muitos Capões

**Veículo:** Rádio Progresso

**Data:** 22/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.radioprogresso.com.br/fortaleza-dos-valos-e-campos-borges-decretam-emergencia-devido-a-perdas-pela-estiagem/>

## Fortaleza dos Valos e Campos Borges decretam emergência devido a perdas pela estiagem

22 de janeiro de 2020

Os municípios de Fortaleza dos Valos e Campos Borges decretaram emergência em razão das perdas na agricultura causadas pela estiagem. Com isso, o mais recente boletim da Defesa Civil do Rio Grande do Sul informa que 76 municípios já decretaram situação de emergência.

Outros 13 municípios deram entrada no sistema integrado de informações sobre desastres, com possibilidade de assinar os decretos nos próximos dias. Mesmo com a volta da chuva em grande parte do território gaúcho, existem perdas nas lavouras de verão que são irreversíveis.

Um dos maiores prejuízos está no milho, severamente afetado pela falta de umidade durante a formação dos grãos, o que reduziu drasticamente o rendimento. Dentre os 44 municípios do escritório regional da Emater, com sede em Ijuí, a quebra geral no milho para grãos está em 30%.

Porém, o dado inclui o cereal sequeiro e irrigado. As maiores perdas estão em lavouras da região que abrange Ijuí, Cruz Alta, Ibirubá, Salto do Jacuí, Jóia e Panambi, onde a redução de produtividade pode chegar a até 70%.

Sobre a soja, o mais novo levantamento da Emater regional de Ijuí indica perda média de 15% na oleaginosa, também por causa da estiagem. A falta de chuva também impacta a produção de leite. Levantamento feito pelo Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado, o Sindilat, mostra que, nos primeiros dias de janeiro, houve recuo de cerca de 8% na média do volume captado nas propriedades rurais gaúchas. Isso significa 1 milhão de litros de leite a menos.

Dos 11 municípios da Associação dos Municípios do Planalto Médio, a Amuplam, com sede em Ijuí, Jóia é o único que decretou situação de emergência, até o momento, visto a estiagem. Somente nas culturas de soja, milho e leite o prejuízo estimado no município de Jóia é de 87 milhões de reais.

Em Augusto Pestana ocorre reunião, nesta semana, entre prefeitura, Emater, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, dentre outros, para debater as perdas em razão da falta de chuva. O município é um dos maiores produtores de leite do Rio Grande do Sul e também constata muitas perdas nesta área.

**Veículo:** Notícias Agrícolas

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/leite/251067-conseleite-projeta-aumento-de-088-no-valor-do-litro-em-janeiro-para-r-11267.html#.XjQUbzJKjIV>

## Conseleite projeta aumento de 0,88% no valor do litro em janeiro, para R\$ 1,1267

Publicado em 28/01/2020 14:24 e atualizado em 28/01/2020 15:16



104 exibições

**ESTADÃO** conteúdo

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul projetado para janeiro subiu para R\$ 1,1267, alta de 0,88% ante o consolidado em dezembro de 2019, conforme o Conseleite divulgou, em nota. A alta é devida, conforme o presidente do Sindilat-RS, Alexandre Guerra, ao início de entressafra e também a estiagem que ocorre no Estado.

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix. "Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo", estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

Além disso, durante a reunião do Conseleite, foi anunciado o novo presidente do colegiado, o engenheiro agrônomo Rodrigo Rizzo, especialista em lácteos.

Ele foi empossado nesta manhã, conforme nota do Conseleite. Já o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, de acordo com o estatuto.



**Veículo:** Notícias Agrícolas

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/leite/251056-rodrico-rizzo-eleito-novo-presidente-do-conseleite.html#.XjQUdJKjIV>

## Rodrigo Rizzo eleito novo presidente do Conseleite

Publicado em 28/01/2020 12:54



33 exibições

O engenheiro agrícola Rodrigo Ramos Rizzo foi eleito e empossado novo presidente do Conseleite na manhã desta terça-feira (28/01) para a gestão 2020/2021. Representando a Federação da Agricultura do Estado do RS (Farsul), ele assumiu o colegiado em nome dos produtores com meta de atualização e análise constantes dos itens que compõem a metodologia de cálculo do valor de referência do leite. O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, conforme estatuto. Segundo o regimento do Conseleite, as diretorias são eleitas a cada dois anos com representação de produtores e indústrias na presidência e vice-presidência e previsão de alternância entre os cargos. Ou seja: no primeiro ano, a presidência fica a cargo dos produtores e, no segundo, da indústria, ou vice-versa. "A Federação da Agricultura tem estado muito atenta aos movimentos de mercado da cadeia do leite, sobretudo o externo. Agradecemos a todos pelo apoio e trabalho realizado até aqui e estamos empenhados no fortalecimento do segmento", frisou Rizzo.

Durante a reunião, também foi divulgada a projeção para o leite no Rio Grande do Sul. Como já era previsto para um período de início da entressafra, o valor de referência projetado para janeiro de 2020 subiu, atingindo R\$ 1,1267, alta de 0,88% em relação ao consolidado de dezembro de 2019 (R\$ 1,1169). Guerra pontuou que a estiagem também traz reflexo no campo, fenômeno que deve impactar os preços ao longo do ano. "Os tambos estão produzindo menos do que tradicionalmente captam nessa época ano. Isso, sem dúvida, trará reflexo direto ao preço do consumidor ao longo de 2020, uma vez que também estamos entrando no período dito como entressafra", completou. Guerra citou que o mercado sofreu mudanças significativas nas últimas semanas. Com a alta na cotação do dólar, explica ele, o leite nacional ficou mais atrativo ao mercado, motivando vendas e segurando as importações.

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix. "Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo", estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

### Rodrigo Rizzo

Rodrigo Rizzo é engenheiro agrícola formado pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) e especialista em Lácteos pela CORFILAC/ Ragusa/Itália. Tem desempenhado atividades de consultoria e instrutoria nas diferentes áreas do agro no Brasil e Uruguai. É consultor atuante no Sebrae e Senar. Atualmente, é assessor da presidência e diretoria do Sistema Farsul e coordena as comissões da federação.

**Veículo:** Agert

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.agert.org.br/index.php/mais-audios/19840-representante-da-farsul-e-o-novo-presidente-do-conseleite>

Rádio AGERT

28/01/20

## Representante da Farsul é o novo presidente do Conseleite

O Conseleite tem novo presidente. Foi eleito o engenheiro agrícola, Rodrigo Rizzo, assessor da presidência da Farsul. O preço de referência do leite teve uma pequena alta de 0,88 por cento.



**Veículo:** Jornal dia a dia

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <http://jornaldiadia.com.br/2019/2020/01/28/rodrigo-rizzo-eleito-novo-presidente-do-conseleite/>

## Rodrigo Rizzo eleito novo presidente do Conseleite

28 de janeiro de 2020 Por DANIEL

O engenheiro agrícola Rodrigo Ramos Rizzo foi eleito e empossado novo presidente do Conseleite na manhã desta terça-feira (28/01) para a gestão 2020/2021. Representando a Federação da Agricultura do Estado do RS (Farsul), ele assumiu o colegiado em nome dos produtores com meta de atualização e análise constantes dos itens que compõem a metodologia de cálculo do valor de referência do leite. O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, conforme estatuto. Segundo o regimento do Conseleite, as diretorias são eleitas a cada dois anos com representação de produtores e indústrias na presidência e vice-presidência e previsão de alternância entre os cargos. Ou seja: no primeiro ano, a presidência fica a cargo dos produtores e, no segundo, da indústria, ou vice-versa. "A Federação da Agricultura tem estado muito atenta aos movimentos de mercado da cadeia do leite, sobretudo o externo. Agradecemos a todos pelo apoio e trabalho realizado até aqui e estamos empenhados no fortalecimento do segmento", frisou Rizzo.

Durante a reunião, também foi divulgada a projeção para o leite no Rio Grande do Sul. Como já era previsto para um período de início da entressafra, o valor de referência projetado para janeiro de 2020 subiu, atingindo R\$ 1,1267, alta de 0,88% em relação ao consolidado de dezembro de 2019 (R\$ 1,1169). Guerra pontuou que a estiagem também traz reflexo no campo, fenômeno que deve impactar os preços ao longo do ano. "Os tambos estão produzindo menos do que tradicionalmente captam nessa época ano. Isso, sem dúvida, trará reflexo direto ao preço do consumidor ao longo de 2020, uma vez que também estamos entrando no período dito como entressafra", completou. Guerra citou que o mercado sofre mudanças significativas nas últimas semanas. Com a alta na cotação do dólar, explica ele, o leite nacional ficou mais atrativo ao mercado, motivando vendas e segurando as importações.

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix. "Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo", estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

### Rodrigo Rizzo

Rodrigo Rizzo é engenheiro agrícola formado pela Universidade Federal de Pelotas (UfPel) e especialista em Lácteos pela CORFILAC/ Ragusa/Itália. Tem desempenhado atividades de consultoria e instrutoria nas diferentes áreas do agro no Brasil e Uruguai. É consultor atuante no Sebrae e Senar. Atualmente, é assessor da presidência e diretoria do Sistema Farsul e coordena as comissões da federação.

**Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência<sup>1</sup>, em R\$ – dezembro de 2019.**

Matéria-prima	Valores Projetados Dezembro /19	Valores Finais Dezembro /19	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2760	1,2844	0,0084
II – Valor de referência IN 76/77 <sup>1</sup>	1,1096	1,1169	0,0073
III – Menor valor de referência	0,9986	1,0052	0,0065

(1) Valor para o leite "posto na propriedade" o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluso Funrural de 1,5% a ser descontado do produtor rural

**Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência IN 76/77, em R\$ – janeiro de 2020.**

Matéria-prima	Janeiro <sup>2</sup> /19
I – Maior valor de referência	1,2957
II – Valor de referência IN 76/77	1,1267
III – Menor valor de referência	1,0140

\* Previsão



Na foto: Rodrigo Rizzo (E) e Alexandre Guerra (D)

Crédito: Carolina Jardine



**Veículo:** Canal Rural

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.canalrural.com.br/noticias/pecuaria/leite/litro-do-leite-deve-subir-para-r11267-em-janeiro-diz-entidade/>

## Litro do leite deve subir para R\$ 1,1267 em janeiro, diz entidade

Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo; entenda



28 de janeiro de 2020 às 16h44  
Por Estadão Conteúdo

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul projetado para janeiro subiu para R\$ 1,1267, alta de 0,88% ante o consolidado em dezembro de 2019, conforme o Conseleite divulgou, em nota. A alta é devida, conforme o presidente do Sindilat-RS, Alexandre Guerra, ao início de entressafra e também a estiagem que ocorre no Estado.

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix.

"Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo", estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha. Além disso, durante a reunião do Conseleite, foi anunciado o novo presidente do colegiado, o engenheiro agrônomo Rodrigo Rizzo, especialista em lácteos e novo presidente da Conseleite, empossado na manhã desta terça, 28.

Já o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, de acordo com o estatuto.

**Veículo:** Terra viva

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** [http://www.terraviva.com.br/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=26105:rodrigo-rizzo-eleito-novo-presidente-do-conseleite&Itemid=368](http://www.terraviva.com.br/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=26105:rodrigo-rizzo-eleito-novo-presidente-do-conseleite&Itemid=368)

**Rodrigo Rizzo eleito novo presidente do Conseleite**

Escrito por Edição



**Conseleite/RS - O engenheiro agrícola Rodrigo Ramos Rizzo foi eleito e empossado novo presidente do Conseleite na manhã desta terça-feira (28/01) para a gestão 2020/2021.**

Representando a Federação da Agricultura do Estado do RS (Farsul), ele assumiu o colegiado em nome dos produtores com meta de atualização e análise constantes dos itens que compõem a metodologia de cálculo do valor de referência do leite. O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, conforme estatuto. Segundo o regimento do Conseleite, as diretorias são eleitas a cada dois anos com representação de produtores e indústrias na presidência e vice-presidência e previsão de alternância entre os cargos. Ou seja: no primeiro ano, a presidência fica a cargo dos produtores e, no segundo, da indústria, ou vice-versa. "A Federação da Agricultura tem estado muito atenta aos movimentos de mercado da cadeia do leite, sobretudo o externo. Agradecemos a todos pelo apoio e trabalho realizado até aqui e estamos empenhados no fortalecimento do segmento", frisou Rizzo.

Durante a reunião, também foi divulgada a projeção para o leite no Rio Grande do Sul. Como já era previsto para um período de início da entressafra, o valor de referência projetado para janeiro de 2020 subiu, atingindo R\$ 1,1267, alta de 0,88% em relação ao consolidado de dezembro de 2019 (R\$ 1,1169). Guerra pontuou que a estiagem também traz reflexo no campo, fenômeno que deve impactar os preços ao longo do ano. "Os tambos estão produzindo menos do que tradicionalmente captam nessa época ano. Isso, sem dúvida, trará reflexo direto ao preço do consumidor ao longo de 2020, uma vez que também estamos entrando no período dito como entressafra", completou. Guerra citou que o mercado sofreu mudanças significativas nas últimas semanas. Com a alta na cotação do dólar, explica ele, o leite nacional ficou mais atrativo ao mercado, motivando vendas e segurando as importações.

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix. "Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo", estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

**Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência<sup>1</sup>, em R\$ – dezembro de 2019.**

Matéria-prima	Valores Projetados Dezembro /19	Valores Finais Dezembro /19	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2760	1,2844	0,0084
II – Valor de referência IN 76/77 <sup>1</sup>	1,1096	1,1169	0,0073
III – Menor valor de referência	0,9986	1,0052	0,0065

(1) Valor para o leite "pasto na propriedade" o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluso Faturado de 1,5% a ser descontado do produtor rural

**Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência IN 76/77, em R\$ – janeiro de 2020.**

Matéria-prima	Janeiro <sup>1</sup> /19
I – Maior valor de referência	1,2957
II – Valor de referência IN 76/77	1,1267
III – Menor valor de referência	1,0140

<sup>1</sup> Previsão

**Rodrigo Rizzo**

Rodrigo Rizzo é engenheiro agrícola formado pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) e especialista em Lácteos pela CORFILAC/ Ragusa/Itália. Tem desempenhado atividades de consultoria e instrutoria nas diferentes áreas do agro no Brasil e Uruguai. É consultor atuante no Sebrae e Senar. Atualmente, é assessor da presidência e diretoria do Sistema Farsul e coordena as comissões da federação.

**Veículo:** Página Rural

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <http://www.paginarural.com.br/noticia/276536/rodrigo-rizzo-eleito-novo-presidente-do-conseleite/rs>

Terça-feira, 28 de janeiro de 2020 - 14h27m

**Eventos > Posse**

## RS: Rodrigo Rizzo eleito novo presidente do Conseleite/RS

### Porto Alegre/RS

O engenheiro agrícola Rodrigo Ramos Rizzo foi eleito e empossado novo presidente do Conseleite na manhã desta terça-feira (28) para a gestão 2020/2021. Representando a Federação da Agricultura do Estado do RS (Farsul), ele assumiu o colegiado em nome dos produtores com meta de atualização e análise constantes dos itens que compõem a metodologia de cálculo do valor de referência do leite.

O presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, conforme estatuto. Segundo o regimento do Conseleite, as diretorias são eleitas a cada dois anos com representação de produtores e indústrias na presidência e vice-presidência e previsão de alternância entre os cargos. Ou seja: no primeiro ano, a presidência fica a cargo dos produtores e, no segundo, da indústria, ou vice-versa. "A Federação da Agricultura tem estado muito atenta aos movimentos de mercado da cadeia do leite, sobretudo o externo. Agradecemos a todos pelo apoio e trabalho realizado até aqui e estamos empenhados no fortalecimento do segmento", frisou Rizzo.

Durante a reunião, também foi divulgada a projeção para o leite no Rio Grande do Sul. Como já era previsto para um período de início da entressafra, o valor de referência projetado para janeiro de 2020 subiu, atingindo R\$ 1,1267, alta de 0,88% em relação ao consolidado de dezembro de 2019 (R\$ 1,1169). Guerra pontuou que a estiagem também traz reflexo no campo, fenômeno que deve impactar os preços ao longo do ano. "Os tambos estão produzindo menos do que tradicionalmente captam nessa época ano. Isso, sem dúvida, trará reflexo direto ao preço do consumidor ao longo de 2020, uma vez que também estamos entrando no período dito como entressafra", completou. Guerra citou que o mercado sofreu mudanças significativas nas últimas semanas. Com a alta na cotação do dólar, explica ele, o leite nacional ficou mais atrativo ao mercado, motivando vendas e segurando as importações.

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix. "Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo", estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

### Rodrigo Rizzo

Rodrigo Rizzo é engenheiro agrícola formado pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) e especialista em Lácteos pela Corfilac/ Ragusa/Itália. Tem desempenhado atividades de consultoria e instrutoria nas diferentes áreas do agro no Brasil e Uruguai. É consultor atuante no Sebrae e Senar. Atualmente, é assessor da presidência e diretoria do Sistema Farsul e coordena as comissões da federação.

### Imagens



Foto: Divulgação / Conseleite/RS

Tabela 1: Valores Finais da Matéria-Prima (Leite) de Referência<sup>1</sup>, em R\$ – dezembro de 2019.

Matéria-prima	Valores Projetados Dezembro /19	Valores Finais Dezembro /19	Diferença (Final – projetado)
I – Maior valor de referência	1,2760	1,2844	0,0084
II – Valor de referência IN 76/77 <sup>1</sup>	1,1096	1,1169	0,0073
III – Menor valor de referência	0,9986	1,0052	0,0065

(1) Valor para o leite "posto na propriedade" o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência IN 76/77 está incluso Funrural de 1,5% a ser descontado do produtor rural.

Tabela 2: Valores Projetados da Matéria-Prima (Leite) de Referência IN 76/77, em R\$ – janeiro de 2020.

Matéria-prima	Janeiro*/19
I – Maior valor de referência	1,2957
II – Valor de referência IN 76/77	1,1267
III – Menor valor de referência	1,0140

\* Previsão



**Veículo:** Isto é dinheiro

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.istoedinheiro.com.br/conseleite-projeta-aumento-de-088-no-valor-do-litro-em-janeiro-para-r-11267/>

## Conseleite projeta aumento de 0,88% no valor do litro em janeiro, para R\$ 1,1267

Estadão Conteúdo

🕒 28/01/20 - 13h57



São Paulo, 28 – O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul projetado para janeiro subiu para R\$ 1,1267, alta de 0,88% ante o consolidado em dezembro de 2019, conforme o Conseleite divulgou, em nota. A alta é devida, conforme o presidente do Sindilat-RS, Alexandre Guerra, ao início de entressafra e também a estiagem que ocorre no Estado.

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix. “Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo”, estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

Além disso, durante a reunião do Conseleite, foi anunciado o novo presidente do colegiado, o engenheiro agrônomo Rodrigo Rizzo, especialista em lácteos.

Ele foi empossado nesta manhã, conforme nota do Conseleite. Já o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, de acordo com o estatuto.

**Veículo:** Portal DBO

**Data:** 28/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://www.portaldbo.com.br/conseleite-projeta-aumento-de-088-no-valor-do-litro-em-janeiro-para-r-11267/>

## Conseleite projeta aumento de 0,88% no valor do litro em janeiro, para R\$ 1,1267

Alta é devida ao início de entressafra e também da estiagem que ocorre no RS

ESTADÃO CONTEÚDO | 28/01/2020 | 4:10 PM

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul projetado para janeiro subiu para R\$ 1,1267, alta de 0,88% ante o consolidado em dezembro de 2019, conforme o Conseleite divulgou, em nota.

A alta é devida, conforme o presidente do Sindilat-RS, Alexandre Guerra, ao início de entressafra e também a estiagem que ocorre no Estado. Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix.

“Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo”, estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

Além disso, durante a reunião do Conseleite, foi anunciado o novo presidente do colegiado, o engenheiro agrônomo Rodrigo Rizzo, especialista em lácteos. Ele foi empossado nesta manhã, conforme nota do Conseleite. Já o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, de acordo com o estatuto.

**Veículo:** Revista Globo Rural

**Data:** 29/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/Leite/noticia/2020/01/com-seca-no-sul-e-abate-de-matrizes-preco-do-leite-sobe-no-pais.html>

LEITE

## Com seca no Sul e abate de matrizes, preço do leite sobe no país

Principais Estados produtores indicam valorização do preço pago ao produtor

🕒 2 min de leitura

CLEYTON VILARINO

29 JAN 2020 - 06H40 | ATUALIZADO EM 29 JAN 2020 - 12H52

O preço pago ao produtor de leite tem apresentado alta em janeiro nos principais Estados produtores do Brasil. Em Minas Gerais, maior produtor nacional, a valorização projetada pelo Conselho Paritário formado por produtores e indústrias do Estado, o Conseleite-MG, é de 1,6% para a matéria prima, cotada a R\$ 1,2887. O valor se refere ao produto captado pela indústria em dezembro, mas pago em janeiro.

De acordo com a instituição, a valorização reflete a menor oferta de leite em meio aos sinais de recuperação do mercado. "É importante dizer é que o que está havendo é uma recuperação dos preços que caíram muito no ano passado. Do final do primeiro semestre em diante, eles caíram sistematicamente", explica Rodrigo Alvim, presidente do Conseleite-MG.

Alvim lembra que, no início de 2019, as expectativas com a recuperação da economia levaram a uma alta de 20 centavos no preço pago ao produtor mineiro. "A indústria pagou muito mais caro do que devia e, como não aconteceu a recuperação da economia como se previa, foram retirando essa alta até novembro, praticamente", observa, ao lembrar que o abate de matrizes no final do ano passado também tem contribuído para reduzir a oferta de leite.



**Veículo:** Revista Globo Rural

**Data:** 29/01/2020

**Página:** Notícias

**Link:** <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/Leite/noticia/2020/01/conseleite-projeta-aumento-de-088-no-valor-do-litro-em-janeiro-no-rs.html>

LEITE

## Conseleite projeta aumento de 0,88% no valor do litro em janeiro no RS

A estiagem que ocorre no estado e o início de entressafra são os motivos da alta

1 min de leitura

ESTADÃO CONTEÚDO

29 JAN 2020 - 11H30 | ATUALIZADO EM 29 JAN 2020 - 11H30

O valor de referência do leite no Rio Grande do Sul projetado para janeiro subiu para R\$ 1,1267, alta de 0,88% ante o consolidado em dezembro de 2019, conforme o Conseleite divulgou, em nota. A alta é devida, conforme o presidente do Sindilat-RS, Alexandre Guerra, ao início de entressafra e também a estiagem que ocorre no Estado.

### SAIBA MAIS



Com seca no Sul e abate de matrizes, preço do leite sobe no país

Após fortes chuvas em MG e no ES, setor de café começa a avaliar prejuízos

Segundo o professor da UPF Marco Antônio Montoya, a variação projetada pelo Conseleite para janeiro reflete a oscilação entre os produtos que compõem o mix. "Pela tendência histórica, espera-se de 2020 um ano mais equilibrado para o setor lácteo", estima Montoya, embasado na tradicional alternância entre anos bons e ruins na cadeia láctea gaúcha.

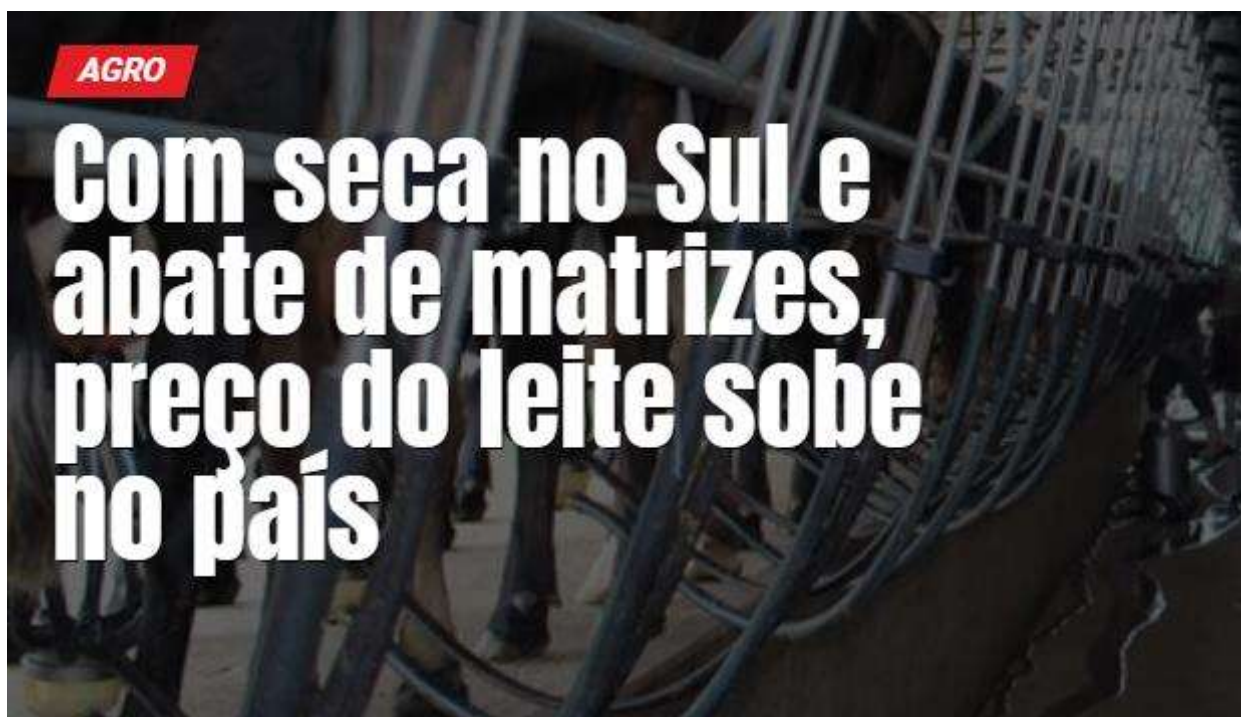
Além disso, durante a reunião do Conseleite, foi anunciado o novo presidente do colegiado, o engenheiro agrônomo Rodrigo Rizzo, especialista em lácteos. Ele foi empossado nesta manhã, conforme nota do Conseleite. Já o presidente do Sindilat, Alexandre Guerra, foi eleito vice-presidente, devendo assumir a presidência do Conseleite em 2021, de acordo com o estatuto.

Veículo: JC Tocantins

Data: 29/01/2020

Página: Notícias

Link: <https://jctocantins.com.br/com-seca-no-sul-e-abate-de-matrizes-preco-do-leite-sobe-no-pais/>



## Principais estados produtores indicam valorização do preço pago ao produtor

O preço pago ao produtor de leite tem apresentado alta em janeiro nos principais Estados produtores do Brasil. Em Minas Gerais, maior produtor nacional, a valorização projetada pelo Conselho Paritário formado por produtores e indústrias do Estado, o Conseleite-MG é de 1,6% para a matéria prima, para R\$ 1,2887. O valor se refere ao produto captado pela indústria em dezembro, mas pago em janeiro.

De acordo com a instituição, a valorização reflete a menor oferta da matéria prima em meio aos sinais de recuperação do mercado. “É importante dizer é que o que está havendo é uma recuperação dos preços que caíram muito no ano passado. Do final do primeiro semestre em diante, eles caíram sistematicamente”, explica Rodrigo Alvim, presidente do Conseleite-MG.

Alvim lembra que, no início de 2019, as expectativas com a recuperação da economia levaram a uma alta de 20 centavos no preço pago ao produtor mineiro. “A indústria pagou muito mais caro do que devia e, como não aconteceu a recuperação da economia como se previa foram, retirando essa alta até novembro, praticamente”, observa, ao lembrar que o abate de matrizes no final do ano passado também tem contribuído para reduzir a oferta de leite.



Para os próximos meses, além das condições da economia, o período de entressafra e o dólar em alta podem manter a oferta de leite reduzida em Minas Gerais, contribuindo para dar suporte aos preços no Estado. Para o produto captado em janeiro e pago em fevereiro, a previsão do Conseleite mineiro é de valorização de 1,28%, para R\$ 1,3052.

No Rio Grande do Sul, segundo maior produtor do país, o Conseleite local projeta alta de 0,88% no preço pago ao produtor pelo leite captado este mês, atingindo R\$ 1,1267. Segundo o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado (Sindilat), Alexandre Guerra, a seca e a entressafra no Rio Grande do Sul reduziram a oferta, o que deve continuar dando sustentação aos preços.

“Associado à queda da produção, a estiagem reduziu o pasto verde e o milho disponível para silagem e isso deve fazer com que os preços subam nos próximos meses”, observa Guerra. Ele destaca que, assim como em Minas Gerais, a alta do dólar tem tornado o mercado nacional mais atrativo, motivando vendas e segurando as importações.

No Paraná, terceiro maior produtor brasileiro, o preço pago ao produtor em janeiro (referente ao leite captado em dezembro) registrou alta de 2,53%, cotado a R\$ 1,2749. Para fevereiro, contudo, previsão do Conseleite é de queda, de 0,48%, para R\$ 1,2681. Em Mato Grosso do Sul, a projeção do Conseleite local é de que o leite entregue em janeiro e pago em fevereiro apresente alta de 0,95%, para R\$ 1,0296.

“É importante entender que de março a abril começa o período de entressafra no Centro-Sul, que produz grande parte da oferta nacional, e geralmente os preços sobem. Embora essa lógica não tenha acontecido nos últimos anos, não surpreende se acontecer. Sobretudo se a economia começar a se recuperar de fato”, avalia Alvim, do Conseleite MG.





**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING ELETRÔNICO

Janeiro de 2020

**Veículo:** Rádio Colonial de Três de Maio

**Data:** 07/01/2020

**Programa:** -

**Minutagem:** 30'

**Veículo:** Band News

**Data:** 14/01/2020

**Programa:** -

**Minutagem:** 5'

**Veículo:** Rádio Gaúcha

**Data:** 14/01/2020

**Programa:** -

**Minutagem:** 15"

**Veículo:** Terra viva

**Data:** 14/01/2020

**Programa:** Jornal Terra viva

**Minutagem:** 3'34"

**Link:** <https://tvterraviva.band.uol.com.br/noticia/100000980631/rs-estiagem-deve-diminuir-oferta-do-leite.html>

**Veículo:** Canal Rural

**Data:** 14/01/2020

**Programa:** -

**Minutagem:** 9'37"

**Link:** <https://www.canalrural.com.br/programas/informacao/rural-noticias/leite-produtores-rs-seca/>

**Veículo:** Rádio Luz e Alegria

**Data:** 15/01/2020

**Programa:** -

**Minutagem:** 20'

**Veículo:** Record TV

**Data:** 15/01/2020

**Programa:** -

**Minutagem:** 10'